

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

**CAMILA LACERDA COUTO**

**A ARQUIVOLOGIA NAS REDES SOCIAIS  
DO CIBERESPAÇO**

**PORTO ALEGRE**

**2009**

**CAMILA LACERDA COUTO**

# **A ARQUIVOLOGIA NAS REDES SOCIAIS DO CIBERESPAÇO**

Monografia apresentada como requisito para a aprovação na atividade de ensino Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Arquivologia, do Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Ana Regina Berwanger  
Co-orientação: Prof. Dr. Rafael Port da Rocha

**PORTO ALEGRE**

**2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretor: Prof. MS. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Helena Van der Laan

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe substituta: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helen Beatriz Frota Rozados

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

Coordenadora: Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Coordenadora substituta: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iara Conceição Bitencourt Neves

---

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

---

C871a Couto, Camila Lacerda

A Arquivologia nas redes sociais do ciberespaço. / Camila Lacerda Couto; Orientadora Ana Regina Berwanger; Co-orientador Rafael Port da Rocha. – Porto Alegre, 2009.

69 f. : il.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Ciências da Informação, Curso de Arquivologia, 2009.

1. Arquivologia. 2. Redes sociais. 3. Ciberespaço. I. Berwanger, Ana Regina. II. Rocha, Rafael Port da. III. Título.

CDU 930.251:004.738

---

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana – Porto Alegre/RS – Brasil.

CEP 90035-007

Tel.: 51 3316-5146

Fax: 51 3316-5435

E-mail: fabico@ufrg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
Departamento de Ciências da Informação  
Curso de Arquivologia

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **A Arquivologia nas redes sociais do ciberespaço**, elaborado por Camila Lacerda Couto, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquivologia.

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup> Ana Regina Berwanger

---

Prof. Dr. Rafael Port da Rocha

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Helen Beatriz Frota Rozados

---

Arquivista Lisandra Rosa Vargas

Porto Alegre, 1º de dezembro de 2009.

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela estrutura disponibilizada durante os últimos cinco anos.

À Professora Ana Regina Berwanger e ao Professor Rafael Port da Rocha, pela orientação.

A todos os professores da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, pelo que puderam ensinar aos seus alunos; e também àqueles que não puderam.

Aos colegas de curso, pelos bons momentos e pelas discussões.

Aos locais de estágio Ativa Transportes e Logística, Silveiro Advogados e Veirano Advogados.

À arquivista Medianeira Pereira Goulart, pela orientação do primeiro Estágio em Arquivologia, pela ajuda, pelas dicas e pela amizade.

À minha família, por tudo que fez por mim, principalmente à Maria Clara, por ter poupado meus livros da sua curiosidade de apenas dois anos.

E, especialmente, ao meu noivo, Cléo Belício Lopes, pela companhia, pela paciência, pela confiança, pelo apoio e pelas revisões deste trabalho, além da “chatices” de sempre.

*“Corte um fio da rede elétrica, rompa o elo de uma corrente, descosture os pespontos de uma roupa, abra um buraco na trama da rede de pesca. Você terá uma pequena amostra do que significa o trabalho em rede (ou a ausência dele) quando o mundo escurecer a sua volta, a medalha cair no assoalho e se perder nas frestas da madeira, o frio o fizer tremer porque o vento entra pelas costuras desfeitas do casaco e a fome apertar pois os peixes fugiram”.*  
*Sigmar Reichel*

*“A verdadeira modernidade não está na máquina, e sim nas idéias. A máquina deve estar a serviço do homem para lhe facilitar a vida”.*  
*Heloísa Bellotto. In.: Arquivística. Objetos, princípios e rumos.*

## **RESUMO**

Analisa a presença da Arquivologia nos sites das redes sociais na internet Orkut e Sinarquivo. Apresenta uma revisão de literatura sobre redes sociais, ciberespaço e Arquivologia. Utiliza metodologia quantitativa, baseada na análise de conversação. Adota a técnica de observação, tendo como objeto de estudo as comunidades e os grupos existentes nas redes sociais selecionadas. Desenvolve instrumento próprio para a coleta de dados. Apresenta dados quantitativos sobre as comunidades e grupos virtuais observados e os relaciona ao conhecimento teórico desenvolvido. Analisa a conversação em uma amostra de comunidades e grupos virtuais observados. Considera que a comunidade arquivística pode utilizar o ciberespaço e as diversas ferramentas existentes nesse meio para potencializar as relações entre seus membros e criar ambientes propícios ao desenvolvimento de comunidades virtuais de conhecimento que podem levar à inteligência coletiva arquivística. Recomenda a utilização consciente das ferramentas da internet a fim de contribuir para o desenvolvimento e consolidação das comunidades virtuais e de sua inteligência coletiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquivologia. Redes sociais. Ciberespaço. Orkut. Ning.

## **RESUMEN**

Analiza la presencia de la Archivología en los sitios de redes sociales en la internet Orkut y Sinarquivo. Presenta una revisión de la literatura sobre las redes sociales, el ciberespacio y la Archivología. Utiliza la metodología cuantitativa, basada en el análisis de la conversación. Adopta la técnica de observación, donde el objeto de estudio de las comunidades y grupos existentes en las redes sociales seleccionadas. Desarrolla instrumento propio para recoger los datos. Presenta datos cuantitativos sobre las comunidades y grupos virtuales observados y relacionados con los conocimientos teóricos desarrollados. Analiza la conversación en una muestra de las comunidades y grupos virtuales observados. Considera que la comunidad archivística puede utilizar el ciberespacio y las diversas herramientas disponibles en ese medio para mejorar las relaciones entre sus miembros y crear un entorno propicio para el desarrollo de las comunidades virtuales de conocimiento que puede conducir a la inteligencia colectiva archivística. Recomienda el uso consciente de herramientas de internet con el fin de contribuir al desarrollo y consolidación de las comunidades virtuales y de su inteligencia colectiva.

**PALABRAS-CLAVE:** Archivología. Redes sociales. Ciberespacio. Orkut. Ning.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - DIAGRAMA DE PAUL BARAN .....	16
FIGURA 2 - REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA CIDADE DE KÖNIGSBERG .....	17
FIGURA 3 – PÁGINA INICIAL DA COMUNIDADE “ARQUIVOLOGIA – UFRGS” .....	45
FIGURA 4 – GRÁFICO DE CATEGORIAS DE COMUNIDADES DO ORKUT .....	47
FIGURA 5 – GRÁFICO DE CONCENTRAÇÃO DO NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES NAS COMUNIDADES DO ORKUT .....	47
FIGURA 6 – GRÁFICO DE NÚMERO DE CRIAÇÃO DAS COMUNIDADES DO ORKUT .....	48
FIGURA 7 – GRÁFICO DA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS NAS COMUNIDADES DO ORKUT.....	49
FIGURA 8 – GRÁFICO DE VARIAÇÃO DO NÚMERO DE MEMBROS DE CADA COMUNIDADE DA AMOSTRA.....	50
FIGURA 9 – GRÁFICO DO NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES NO FÓRUM SINARQUIVO.....	51
FIGURA 10 – GRÁFICO DE MENSAGENS E COMENTÁRIOS NO BLOG SINARQUIVO.....	51
FIGURA 11 – GRÁFICO DE VARIAÇÃO DO NÚMERO DE MEMBROS DE CADA GRUPO DO SINARQUIVO .....	52
FIGURA 12 – GRÁFICO DE CONCENTRAÇÃO DO NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES NOS GRUPOS DO SINARQUIVO .....	53
FIGURA 13 – GRÁFICO DE NÚMERO DE TÓPICOS E CONVERSACÃO E INFORMAÇÃO NA AMOSTRA DE COMUNIDADES DO ORKUT .....	55

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2 REDES SOCIAIS</b> .....	<b>14</b>
<b>3 DO CIBERESPAÇO ÀS REDES SOCIAIS</b> .....	<b>21</b>
3.1 SITES DE REDES SOCIAIS NO CIBERESPAÇO .....	25
3.1.1 <i>Orkut</i> .....	25
3.1.2 <i>Ning</i> .....	27
3.1.3 <i>Sinarquivo</i> .....	28
3.2 COMUNIDADES VIRTUAIS NAS REDES SOCIAIS DO CIBERESPAÇO .....	29
<b>4 A ARQUIVOLOGIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS</b> .....	<b>35</b>
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	<b>40</b>
5.1 TÉCNICAS .....	41
5.2 DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO DE PESQUISA.....	42
5.3 TIPO DE AMOSTRAGEM.....	43
<b>6 A COMUNIDADE ARQUIVÍSTICA NO ORKUT E NO SINARQUIVO</b> .....	<b>44</b>
6.1 ORKUT.....	44
6.2 SINARQUIVO .....	50
6.3 ANÁLISE DE INTERAÇÃO E CONVERSAÇÃO NA AMOSTRA SELECIONADA .....	53
<b>7 CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>61</b>
<b>APÊNDICE A – QUADROS DAS COMUNIDADES SELECIONADAS PARA A AMOSTRA</b> .....	<b>66</b>
<b>APÊNDICE B – QUADRO PARA COLETA DE DADOS</b> .....	<b>71</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Uma vez que a perfeição não é atributo humano, não é a perfeição que poderemos encontrar no presente trabalho, mesmo que essa tenha sido, a princípio, a intenção da autora.

De fato, a busca pelo sentido de tudo aquilo que foi lido, relido, estudado, trabalhado ao longo desta graduação em Arquivologia, não é tarefa fácil e também não se encerra com a entrega do diploma. Escolher uma profissão de tamanha responsabilidade, como é a profissão de arquivista, traz em si uma carga de sentimentos e dúvidas muito grande.

As modificações pelas quais a sociedade está passando afetam diretamente esse campo do saber. Uma dessas modificações é o surgimento de ferramentas relacionadas ao ciberespaço. Podemos, a qualquer hora, acessar a internet a partir de nosso telefone celular, entre tantas outras possibilidades da vida digital.

O ingresso na Universidade foi o primeiro fato a impulsionar o interesse pela internet e pelo leque de possibilidades que ela nos apresenta. Posteriormente, o desenvolvimento de estágios extracurriculares nos mostrou outras interfaces do ciberespaço. Acaloradas discussões foram vividas através de fóruns, listas de e-mails e, até mesmo, pelo MSN<sup>1</sup>, com colegas e professores sobre assuntos específicos de nosso curso, sobre trabalhos em grupo ou sobre questões relacionadas à sociedade em geral. Foi através da internet que tivemos contatos com diversas fontes bibliográficas, que não estavam disponíveis nas bibliotecas da Universidade, mas que foram utilizadas para a realização desse trabalho.

O contato com o Orkut<sup>2</sup>, um dos sites analisado nesse trabalho, deu-se em meados de 2006, ao receber o convite de um colega do curso para participar dessa rede social da internet.

Ambas experiências foram marcantes e têm importância indiscutível na formação da autora. Por diversas vezes, durante a realização da pesquisa, tomamos rumos que não estavam em nosso objetivo, e nos perdemos em meio a conceitos de Sociologia, de Redes Sociais, de Cibercultura e até mesmo de Arquivologia. Foi preciso, então, lembrar o que queríamos trazer para a Arquivologia: a importância da interação e comunicação para a disciplina.

Achamos que a disseminação de informações, de trabalhos acadêmicos, a troca de

---

<sup>1</sup> MSN Messenger: software de comunicação instantânea criado pela Microsoft Corporation. Estima-se que 140 milhões de pessoas utilizem o programa diariamente. Cf. em: *Diário Digital*. Disponível em: <[http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section\\_id=18&id\\_news=400472](http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=18&id_news=400472)>. Acesso em: 3 nov. 2009.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.orkut.com>>

experiência, de dúvidas e questionamentos, ou mesmo de descobertas, entre profissionais, estudantes e docentes deve ocorrer ininterruptamente. Se comparada a outras disciplinas e áreas com relação a esse fato, a Arquivologia ainda se caracteriza incipiente.

Acreditamos que a comunidade arquivística, ou seja, os arquivistas, os estudantes de Arquivologia e os professores da área podem utilizar muito dos recursos e ferramentas disponíveis na internet, criando rede sociais com a intenção de criar novos ambientes de aprendizagens para a área e para a sociedade como um todo.

O tema de nossa pesquisa é a presença da Arquivologia em redes sociais da internet. O tema foi delimitado a algumas comunidades do site Orkut e ao site de rede social Sinarquivo, localizado na plataforma do site Ning, após levantamento prévio de vários sites de redes sociais da internet e a constatação de que o maior número de incidências serem nos referidos sites.

O objetivo geral da pesquisa consiste em identificar a presença da Arquivologia nos sites de redes sociais da internet Orkut e Sinarquivo. Foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar de que forma a Arquivologia está presente no site Orkut e rede social Sinarquivo;
- b) identificar a existência de comunicação e interação entre estudantes, pesquisadores e profissionais da área no site Orkut e na rede social Sinarquivo;
- c) apresentar dados estatísticos e estabelecer relações quantitativas a partir da coleta de dados das comunidades do site Orkut e da rede social Sinarquivo.

Estima-se que, atualmente, bilhões de pessoas tenham acesso à internet no mundo todo<sup>3</sup>; no Brasil, conforme dados de 2007, divulgados pelo IBGE, a cada 100 pessoas, trinta e cinco tem acesso à internet<sup>4 5</sup>. O blog oficial do Google Brasil informa, em 16 de julho de 2008, que “[...] um blog é criado a cada segundo todos os dias, 13 horas de vídeo são

<sup>3</sup> 1.596.270.108 usuários em março de 2009. Cf. em: *Internet World Stats*. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>> Acesso em: 13 jun. 2009.

<sup>4</sup> O número de domicílios brasileiros com acesso à internet cresceu 16% entre 2005 e 2008; entretanto, a inclusão digital no país sofre com o alto custo dos computadores e da conexão à internet, com a falta de habilidade dos usuários e com a indisponibilidade de internet na área rural. Cf. em: CETIC.br (Brasil). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil*. Publicado em: 16 out. 2007. Disponível em: <<http://www.cetic.br>>. Acesso em: 18 mai. 2009. Existem políticas anunciadas pelo Governo Federal a fim de promover a inclusão digital; uma delas seria a criação de laboratórios de informática com conexão à internet em todas as escolas públicas urbanas até 2010. Cf. em: Ministério da Educação. *Computadores para 26 mil escolas*. Publicado em: 04 mar. 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12185&Itemid=86](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12185&Itemid=86)>. Acesso em: 24 mai. 2009.

<sup>5</sup> Pesquisa do *Ibope* calcula que sejam 41,5 milhões de usuários brasileiros e pesquisa do *Instituto DataFolha*, 64,5 milhões. Cf. em: ANTONIOLI, Leonardo. *Estatísticas, dados e projeções atuais sobre a Internet no Brasil*. Disponível em: <[http://www.tobeguarany.com/internet\\_no\\_brasil.php](http://www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php)>. Acesso em: 13 jun. 2009.

colocados no YouTube, o maior site do mundo de compartilhamento de vídeos, a cada minuto; e mais de 25% dos internautas, cerca de 1 bilhão de pessoas, fazem parte de uma rede social.”

As informações existentes na internet, confiáveis ou não, são incalculáveis. Notícias do mundo inteiro, jogos, aplicativos, músicas, livros, conhecimento científico, serviços de todos os tipos, enfim, praticamente todas as áreas e ciências estão presentes<sup>6</sup>, de alguma forma, nesta grande rede.

Conforme dados disponíveis em reportagens do site de notícias G1, existiam 315 sites na internet em 1982 (2007a), este número chegou a 174 milhões no terceiro trimestre de 2008 (2008). No mesmo site, afirma-se que a cada dia, 500 mil pessoas entram pela primeira vez na internet (2007b).

Sites de relacionamento, weblogs ou blogs, fóruns de discussão, chats e mensageiros são algumas ferramentas que podem ser encontradas na World Wide Web, o ambiente multimídia da internet. Estas ferramentas funcionam com o pressuposto de conectar pessoas, proporcionando comunicação e interação.

A inserção nas redes sociais da internet não se restringe apenas a adolescentes ou aficionados pela internet. No primeiro semestre deste ano, o Ministério da Saúde<sup>7</sup> passou a utilizar as ferramentas para divulgar esclarecimentos sobre o vírus Influenza A, causador da gripe H1N1, e para campanhas em prol da doação de sangue e doação de órgãos. Para o Ministério, sua participação nestas ferramentas permitiu uma maior aproximação entre os cidadãos e o órgão do governo.

A mais famosa aplicação das redes sociais na internet foi a desenvolvida pelo atual presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, que as utilizou na sua campanha e pretende continuar utilizando-as durante seu mandato. Além de milhões de endereços de e-mails, participantes no seu site e apoiadores nas ferramentas das redes sociais, o presidente conseguiu mais de meio bilhão de dólares através de contribuições on-line. Foi uma grande estratégia de marketing que deu certo.

O mais recente uso das redes sociais pelo governo brasileiro consiste na discussão sobre o uso da própria internet. O projeto, coordenado pela Secretaria de Assuntos

---

<sup>6</sup> Pierre Lévy discute a *presença*, a partir do livro Atlas, de Michel Serres: “A imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais. [...] Mas, precisamente, o fato de não pertencer a nenhum lugar, de freqüentar um espaço não designável (onde ocorre a conversação telefônica?) de ocorrer apenas entre coisas claramente situadas, ou de não estar somente ‘presente’ [...], nada disso impede a existência”. Cf. em: LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: 34, 1996.

<sup>7</sup> Cf. em: Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/>>; <<http://twitter.com/msinfluenzaa>>; <<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?rl=ls&uid=10770038514992764886>>. Acesso em: 08 jun. 2009.

Legislativos do Ministério da Justiça, dispõe de um site<sup>8</sup> e de um perfil no Twitter<sup>9</sup> para discutir e formular um marco civil para a internet brasileira, questão relacionada a direitos e deveres, à segurança no meio e ao reconhecimento das lacunas da legislação a respeito do tema.

O objeto dessa pesquisa resume-se na presença da Arquivologia nos sites de redes sociais propriamente ditos, a fim de identificar a existência de interação e comunicação entre estudantes, pesquisadores e profissionais da área e identificar novas possibilidades de uso dessas ferramentas que possam contribuir para a consolidação da Arquivologia perante a sociedade enquanto disciplina científica.

Através da análise de como a Arquivologia está presente nos sites de redes sociais e de como ocorre a conversação mediada por computador nesses sites, tornar-se-á possível propor estratégias de ação através dos sites de redes sociais da internet, com o intuito de contribuir para a difusão de informações a respeito de órgãos e instituições arquivísticas, para dar maior visibilidade à área e para discutir a validade destas ferramentas on-line enquanto espaço de discussão, disseminação e construção do conhecimento científico em Arquivologia.

O capítulo 2, Redes Sociais, consiste em uma revisão de literatura, não exaustiva, a respeito de redes sociais, principalmente relacionados à Sociologia. No capítulo 3, Do Ciberespaço às Redes Sociais, procuramos tratar do conceito de ciberespaço, de como surgiram as ferramentas de comunicação mediadas por computador e os sites de redes sociais, Orkut, Ning e Sinarquivo, e em que se caracterizam as comunidades virtuais. O capítulo 4, A Arquivologia: desafios e perspectivas, traz um apanhado de conceitos relevantes para a disciplina, principalmente com relação ao advento da internet. No capítulo 5, apresentamos a Metodologia utilizada na pesquisa: técnicas, universo de pesquisa e o tipo de amostragem escolhido. O capítulo 6, A Comunidade Arquivística no Orkut e no Sinarquivo, consiste na apresentação e análise dos dados coletados e na análise de conversação na amostra de comunidades e grupos observados.

---

<sup>8</sup> Cf. em: *Marco Civil da Internet*. Disponível em: <<http://culturadigital.br/marcocivil/>>. Acesso em: 31 out. 2009.

<sup>9</sup> Cf. em: *marcocivil*. Disponível em: <<http://twitter.com/marcocivil/>>. Acesso em: 31 out. 2009.

## 2 REDES SOCIAIS

Nosso primeiro passo foi o de buscar conceitos de redes sociais fora da internet, pois antes mesmo da criação das redes de computadores, o ser humano já se organizava em estruturas de redes. O principal problema enfrentado neste sentido foi a escassez de fontes e de bibliografia sobre o assunto em língua portuguesa. Por se tratar de um assunto tão vasto e complexo fez-se necessário recorrer a outros campos de conhecimento que pudessem nos auxiliar a compreender o meio da pesquisa. As principais fontes utilizadas nesta pesquisa são da área de Ciências Sociais, principalmente relacionadas à Sociologia e à Antropologia. Poderíamos também ter trabalhado com um grande referencial teórico da Psicologia Social, da Lingüística ou das Ciências Exatas, porém, este trabalho tornar-se-ia demasiado extenso, cansativo e perderia um pouco de seu objetivo. Então, optamos por nos basear em um rol menor de autores e pesquisadores, a fim de podermos trabalhar a questão de forma mais precisa.

Conforme Martins (1990, p. 19), desde o século XVIII, existe a tendência de estudar a sociedade a partir de seus grupos e não dos indivíduos de forma isolada, fato que provém de uma observação histórica da vida social: “[...] os homens se achavam inseridos em agrupamentos que, dependendo do período histórico, poderia ser a tribo, diferentes formas de comunidades ou a família.” (MARTINS, 1990, p. 58).

Galliano (1981, p. 17) define grupos sociais como “sistemas de relações sociais”. Entretanto, sabe-se que “[...] nem todas as relações sociais constituem grupos”; logo, “somente relações [...] estáveis e duradouras, constituem grupos sociais.”. Essas relações “[...] podem ser amistosas e hostis” e “[...] além de duradouras, as relações que constituem grupos sociais devem ser, ao menos em certo grau, relações de cooperação.”; cooperação essa que implica na “[...] existência de normas que orientam a ação dos membros do grupo.” (GALLIANO, 1981, p. 17). A cooperação ocorre “quando os homens trabalham juntos, tendo em vista um objetivo comum [...]” (OGBURN; NIMKOFF, 1975, p. 236 *apud* RECUERO, 2009b, p. 81).

Além da cooperação, a competição e o conflito também são “[...] processos sociais que influenciam a rede.” (RECUERO, 2009b, p. 81). Conforme Recuero (2009b, p. 82), a competição “[...] compreende a luta, mas não a hostilidade, característica do conflito.”, assim a competição pode “[...] gerar cooperação entre os atores de uma determinada rede”, enquanto que o conflito “[...] pode gerar hostilidade, desgaste e ruptura da estrutura social.”,

podendo ainda ser “[...] associado à violência e à agressão.”.

Vejamos, agora, alguns conceitos de rede e de rede social:

Trata-se de uma articulação entre diversas unidades que, através de certas ligações, trocam elementos entre si, fortalecendo-se reciprocamente, e que podem se multiplicar em novas unidades, as quais, por sua vez, fortalecem todo o conjunto na medida em que são fortalecidas por ele, permitindo-lhe expandir-se em novas unidades ou manter-se em equilíbrio sustentável. Cada nódulo da rede representa uma unidade e cada fio um canal por onde essas unidades se articulam através de diversos fluxos. (MANCE, 1999, p. 24)

“Uma rede é um conjunto de relações (linhas, vínculos ou laços) entre uma série definida de elementos (nós).” (MOLINA, 2004, p. 36, tradução nossa).

“Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais).” (WASSERMAN; FAUST, 1994<sup>10</sup>; DEGENNE; FORSÉ, 1999<sup>11</sup>, *apud* RECUERO, 2009b, p. 24).

Podemos, então, dizer que redes são compostas por unidades que mantêm algum tipo de relação entre si. Essa relação pode ser de parentesco, afetiva, cognitiva-perceptiva, interativa, de afiliação etc. Logo, uma rede social existe quando as pessoas ou as organizações são as unidades que se conectam entre si<sup>12</sup>.

Em uma rede social, os nós representam os atores e as arestas representam as relações existentes entre eles (UGARTE, [2007], p.3). Quando dois atores estabelecem uma conexão em uma rede social, essa conexão é denominada laço social, de acordo com Wasserman e Faust (1994, *apud* RECUERO, 2008a).

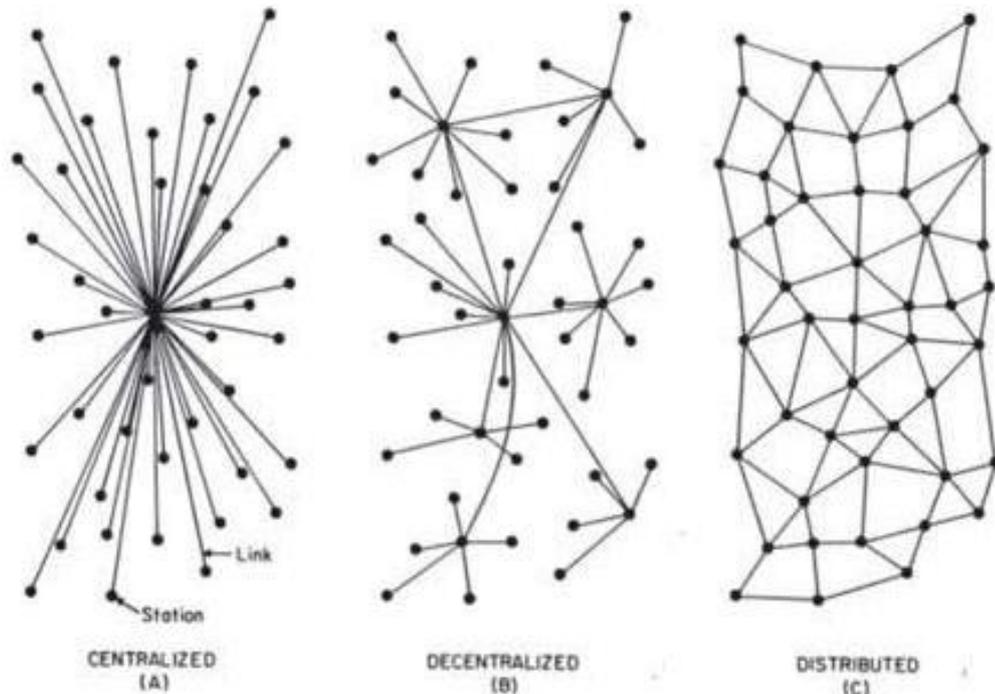
Uma rede social, propriamente dita, caracteriza-se por ser uma rede distribuída. Uma rede distribuída, conforme Paul Baran, citado por David de Ugarte (2008, p. 35) é uma rede que se diferencia das ditas redes centralizada e descentralizada, por ser “[...] uma rede de iguais [...]”, na qual não há uma estrutura hierárquica e, sim, um sistema que o autor chama de pluriarquia. “Com a Internet conectando milhões de pequenos computadores hierarquicamente iguais, nasce a *era das redes distribuídas*, que abre a possibilidade de passar de um mundo de poder descentralizado a outro mundo de poder distribuído.” (UGARTE,

<sup>10</sup> WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Social Network Analysis. Methods and Applications*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994. *apud* RECUERO (2009b, p. 24).

<sup>11</sup> DEGENNE, A; FORSÉ, M. *Introducing Social Networks*. London: Sage, 1999. *apud* RECUERO (2009b, p. 24).

<sup>12</sup> Conforme Augusto de Franco: “[...] só podemos ser humanos porque as redes são sociais (se fossem digitais seríamos outra coisa)”. Conferir FRANCO, Augusto de. *augustodefranco*. Disponível em: <<http://twitter.com/augustodefranco>>. Acesso em: 27 out. 2009.

2008, p. 33). Assim, na rede distribuída, todos os nós têm, praticamente, a mesma quantidade de conexões, como podemos perceber na Figura 1.

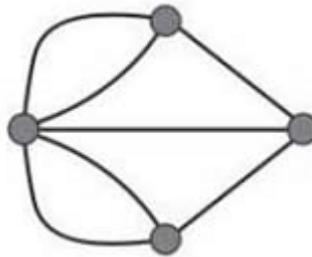


**FIGURA 1 - DIAGRAMA DE PAUL BARAN**

Rede centralizada, rede descentralizada e rede distribuída.

Fonte: RECUERO (2009b, p. 56).

A análise de redes sociais (também denominada por alguns pesquisadores como análise estrutural) vem sendo utilizada desde meados do século XX. Muitos pesquisadores consideram como origem da pesquisa sobre redes, o artigo do matemático Leonard Euler (1707-1783), publicado em 1736, sobre as pontes de Königsberg, a partir de cujo problema veio a ser criada a *teoria dos grafos*. Königsberg era localizada em meio a ilhas ligadas ao todo por sete pontes. Com seu trabalho, Euler comprovou que cruzar todas as pontes da cidade sem passar pelo mesmo caminho mais de uma vez era impossível. Para isso, ele criou o teorema dos grafos (Figura 2), onde cada nó ou ponto representa as partes terrestres e as arestas ou conexões representam as pontes da cidade (RECUERO, 2009b). Assim, um grafo é “[...] a representação de uma rede, constituído de nós e arestas que conectam esses nós.” (RECUERO, 2009b, p. 20).



**FIGURA 2 - REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA CIDADE DE KÖNIGSBERG**

Fonte: RECUERO, 2009b, p. 19.

Originalmente, a análise de redes consistia em “[...] uma forma particular de análise topológica: a descrição das diferentes estruturas que pode tomar uma rede e o estudo das propriedades inerentes a cada uma.” (UGARTE, [2007], p.3, tradução nossa). Através de estudos empíricos, a Análise de Redes Sociais ganhou força dentro das Ciências Sociais<sup>13</sup>. Essas abordagens propuseram “[...] perceber os indivíduos conectados como rede social e, a partir dos teoremas dos grafos, extrair propriedades estruturais e funcionais da observação empírica.” (RECUERO, 2009b, p. 20).

Enquanto que para alguns pesquisadores, como Marteleto (2001), a análise de redes estabeleceu um novo paradigma na pesquisa sobre a estrutura social, para outros, como Menéndez (2003), a análise de redes sociais constitui-se em um conjunto de técnicas com uma perspectiva metodológica compartilhada:

Definitivamente, a “análise de redes sociais” é um método, um conjunto de instrumentos para conectar o mundo dos atores (indivíduos, organizações, etc.) com as estruturas sociais emergentes que resultam das relações que os atores estabelecem (MENÉNDEZ, 2003, p. 21, tradução nossa).

Importante ressaltar que a análise de redes não constitui um fim em si mesma, pois “ela é o meio para realizar uma análise estrutural cujo objetivo é mostrar em que a forma da rede é explicativa dos fenômenos analisados.” (MARTELETO, 2001, p. 72). A autora também coloca como objetivo desta análise “[...] demonstrar que a análise de uma díade (interação entre duas pessoas) só tem sentido em relação ao conjunto das outras díades da rede, porque a sua posição estrutural tem necessariamente um efeito sobre sua forma, seu conteúdo e sua função.” (MARTELETO, 2001, p. 72), já que as redes não são apenas

<sup>13</sup> Cf. DEGENNE, A; FORSÉ, M. *Introducing Social Networks*. London: Sage, 1999.; SCOTT, J. *Social Network Analysis. A Handbook*. 2.ed. London, UK: Sage, 2000.; WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Social Network Analysis. Methods and Applications*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994. *apud* RECUERO, 2009b, p. 20.

conjunto de relações.

Villasante (2002) distingue três tradições na análise de redes sociais: a tradição britânica dos antropólogos Barnes, Mitchell, Mayer e outros baseados no Ego como centro das relações; a tradição de autores como Giddens e Bourdieu, mais preocupados em “[...] sair da estrutura de classes como único determinante do comportamento social.” (VILLASANTE, 2002, p. 93); e as tradições norte-americanas caracterizadas pelo “desenvolvimento das sociomatrizes e da teoria de grafos [...]” na qual o que mais interessa “[...] são as relações entre as relações fortes e o seu encerramento em si mesmas por reciprocidade mútua e cumulativa, as relações não recíprocas (frágeis) e a sua força potencial (Granovetter).” (VILLASANTE, 2002, p. 94).

Muitas vezes também denominadas “comunidades”, as redes sociais são parte essencial da sociedade, já que é no âmbito dessas redes que se viabiliza a manifestação da coletividade, uma vez que “o relacionamento social da quase totalidade das pessoas ocorre no interior de uma sociedade.” (GALLIANO, 1981, p. 23). O estudo do conceito de “comunidade” e “sociedade” dentro da Sociologia remonta aos estudos do alemão Ferdinand Tönnies (1855-1936), que veio a influenciar profundamente os trabalhos do também alemão Max Weber (1864-1920).

Tönnies defendia que a dicotomia da vida social tem base em duas formas de vontade do ser humano (GALLIANO, 1981):

a) a *vontade orgânica (Wesenswille)*, que “[...] diretamente ligada à biologia humana [...]”, exprime “[...] as necessidades vitais do homem na totalidade do seu modo de ser [...]”, “[...] estados biológicos, sentimentos e pensamentos [...]” (GALLIANO, 1981, p. 115);

b) a *vontade reflexiva (Kürwille)*, caracterizada pelo predomínio do pensamento.

Nesse sentido, Galliano (1981, p. 115) afirma que “[...] a vontade reflexiva é algo artificial. O homem teria sido levado a construí-la dentro de si ao longo da evolução, de certo modo por acréscimo, submetendo parte de sua atividade ao controle do pensamento ou da racionalidade.”.

As relações nas quais predomina a vontade orgânica são denominadas por Tönnies *relações comunitárias*: “assim os agrupamentos onde predominam as relações comunitárias se aproximariam do tipo de organização social que Tönnies denomina ‘comunidade’ (*Gemeinschaft*).” (GALLIANO, 1981, p. 118). Já as relações onde predomina a vontade reflexiva, por sua vez, são denominadas *relações societárias*. Os agrupamentos onde predominam essas relações se aproximariam, então, do tipo de organização denominado

“sociedade” (*Gesellschaft*) (GALLIANO, 1981).

Conforme Tönnies, em uma comunidade “[...] as pessoas se encontram unidas por laços naturais e espontâneos, bem como por objetivos comuns que transcenderiam os interesses particulares de cada um [...]”, ou seja, “[...] não haveria oposição, mas identidade natural e espontânea entre os interesses de cada membro e o interesse geral”; enquanto que a sociedade se caracterizaria “[...] pelo alto grau de individualismo, competitividade ou, pelo menos, indiferença ou impessoalidade existente entre seus membros.” (GALLIANO, 1981, p. 121). Assim, a “[...] comunidade estabelece-se pelo que ele [Tönnies] chama de status e a sociedade, pelo contrato.” (LEMOS, 2002, p. 154).

Assim como Tönnies, Weber também distingue dois tipos básicos de relações sociais, em termos semelhantes: a “comunalização” (*Vergemeinschaftung*), relação baseada no sentimento subjetivo dos indivíduos, e a “socialização” (*Vergesellschaftung*) que, por sua vez, baseia-se no princípio de racionalidade a fim de estabelecer um acordo (GALLIANO, 1981).

O ato de tecer um nó ou criar um laço é o que possibilita o surgimento de uma estrutura social, ou ainda, de uma rede social, e faz parte do processo de socialização dos indivíduos. Conforme Galliano (1981), a “socialização” consiste em um processo que começa quando o indivíduo nasce, continua ao longo da sua vida e termina com sua morte, através do qual ele aprende e assimila as normas da coletividade em que está inserido, além de adotá-las como regras em sua vida pessoal. O autor defende que existem dois principais mecanismos psíquicos de socialização, intimamente ligados entre si: a *aprendizagem* e a *interiorização de outrem* (GALLIANO, 1981). Enquanto que “a aprendizagem consiste na aquisição de reflexos, hábitos, atitudes, etc., que se instalam no organismo e no psiquismo do indivíduo e lhe guiam a conduta.” (GALLIANO, 1981, p. 307), a interiorização, processo que vem completar a aprendizagem, “[...] constitui a base da compreensão dos nossos semelhantes, em primeiro lugar, e, em segundo lugar, a base da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido.” (GALLIANO, 1981, p. 315). A interiorização de outrem traz a “[...] intuição das percepções de si por outra pessoa [...]” e a “[...] comunicação com outrem.” (GALLIANO, 1981, p. 308).

Na infância, o indivíduo passa pela denominada *socialização primária*, ao se tornar membro da sociedade. O processo de *socialização secundária* consiste em “qualquer processo posterior que introduz um indivíduo socializado em novos setores do mundo objetivo da sociedade [...]” (GALLIANO, 1981, p. 316), onde o indivíduo adquire “[...] conhecimento de funções específicas, direta ou indiretamente enraizadas na divisão do

trabalho.” e “[...] vocabulários específicos de funções [...]”, o que implicará ainda na “[...] interiorização de campos semânticos estruturadores de interpretações e condutas rotineiras numa área institucional.” e na “[...] aquisição de ‘compreensões tácitas’, avaliações e colorações afetivas desses campos semânticos.” (GALLIANO, 1981, p. 319).

Existem muitos trabalhos em diferentes contextos sobre redes sociais, dentre muitos podemos citar: Bott (1976), que apresenta uma pesquisa pioneira nas redes de relações de marido e mulher dentro de uma abordagem de terapia familiar e já utiliza o termo “rede social” em seus trabalhos; Speck e Attneave (1973) e Sluzki (1997), que também utilizam a abordagem de redes na terapia familiar; Mance (1999), que propõe o desenvolvimento das denominadas Redes de Colaboração Solidária como alternativa ao sistema capitalista, redes essas que seriam potencializadas através das infovias; Dabas (2001), que apresenta algumas práticas de trabalho com redes pessoais em intervenções psicológicas e também sugere a necessidade da criação de redes de solidariedades; assim como muitos outros autores e pesquisadores; Lomnitz (2001) que estuda as redes de movimentos de grupos sociais no Chile e México; Scherer-Warren (2005) que aborda os movimentos sociais na América Latina e no Brasil, na década de 90.

### 3 DO CIBERESPAÇO ÀS REDES SOCIAIS

O ciberespaço<sup>14</sup> é definido como “[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores.” (LÉVY, 1999a, p. 17). O ciberespaço diz respeito não apenas ao aspecto material da comunicação digital, mas também ao “[...] universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (LÉVY, 1999a, p.17). Também podemos entendê-lo sob duas perspectivas: “[...] como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual), e como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta, a internet.” (LEMOS, 2002, p. 137).

Diferente de outros meios de comunicação, tais como o correio e o telefone, que funcionam no esquema de “um para um”, ou o rádio e a televisão, que funcionam no esquema de “um para todos”, o ciberespaço permite a reciprocidade na comunicação e interação em um sistema de “todos para todos” (LÉVY, 1999b, p. 207; LEMOS, 2002, p. 73).

Lévy (1999b) destaca que a principal atração do ciberespaço é a comunicação interativa e coletiva, mas ele diz que também podem surgir, através das redes digitais, diversas novas formas de

[...] isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela), de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais), de dominação (reforço dos centros de decisão e de controle, domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede, etc.), de exploração (em alguns casos de teletrabalho vigiado ou de deslocalização de atividades no terceiro mundo), e mesmo de *bobagem coletiva* (rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, “televisão interativa”). (LÉVY, 1999a, p. 29-30).

Cada indivíduo que consegue ter acesso a esse meio, irá utilizá-lo da forma que bem entender. É provável que seja repetitivo frisar a possibilidade de encontrar infindáveis informações disponíveis na internet sobre todos os assuntos, áreas, lugares e coisas, mas até mesmo o filósofo Pierre Lévy reforça essa afirmação:

---

<sup>14</sup> Podemos evidenciar, brevemente, a diferença entre a internet, a web e o ciberespaço, termos que são utilizados, na maioria das vezes, como sinônimos. Como já colocado, o ciberespaço surge a partir da internet, mas é um espaço que vai além dela. A internet, cujo nome vem de *internetworking* (ligação entre redes), é “[...] o conjunto de meios físicos (linhas digitais de alta capacidade, computadores, roteadores etc.) e programas (protocolos TCP/IP) usados para o transporte da informação.” (LÉVY, 1999a, p. 255), enquanto que a web ou WWW é apenas um dos serviços disponíveis pela internet, bastante vinculado ao conceito de hipertexto.

A internet é um espaço de comunicação propriamente surrealista, do qual “nada é excluído”, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir. A internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam. Já que tudo é possível, ela manifesta a conexão do homem com a sua própria essência, que é a aspiração à liberdade (LÉVY, 2002, p. 14).

De forma cada vez mais rápida e em quantidade cada vez maior as informações são disponibilizadas através do ciberespaço. Costa (2002) mostra que não é recente a preocupação com o excesso de informação: em 1945, Vannevar Bush, e em 1970, Alvin Toffler, ambos americanos utilizavam a metáfora “explosão da informação”. Uma vez que a informação é produzida de forma muito mais rápida do que sua assimilação, não apenas na internet, mas também em outros meios. Sobre a busca de informações na internet, Costa (2002) diz que o internauta casual pode ficar satisfeito com alguns resultados relevantes, enquanto que “[...] muitos profissionais se vêem diante da árdua tarefa de construir as perguntas adequadas para encontrar as informações raras de que necessitam.” (COSTA, 2002, p. 40).

Recuero (2009b, p. 24) aponta que dentre as diversas mudanças trazidas pela internet, a mais significativa “[...] é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC).”, as quais proporcionaram

[...] que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros (RECUERO, 2009b, p. 24).

Uma das primeiras ferramentas de conversação mediada pelo computador foi os BBS ou *bulletin board systems*, que em português seriam sistemas de quadros de mensagens ou de avisos, que surgiram ainda na década de 70, nos Estados Unidos. Nessas ferramentas existe um computador central, equipado com modems, que serve de base para a troca de informações entre os usuários que o acessarem a partir de seus computadores pessoais, usando modems e linhas telefônicas (LÉVY, 1999a). Como não precisavam de redes sofisticadas, e sim de linha telefônica, modems e PCs, os BBS “[...] tornaram-se os fóruns eletrônicos de todos os tipos de interesses e afinidades, criando o que Howard Rheingold chamava de ‘comunidades virtuais’.” (CASTELLS, 2009, p. 87), conceito que discutiremos mais adiante.

Conforme Recuero (2008a), a maior parte das ferramentas de conversação mediada pelo computador privilegia mais a interação textual, ou o texto digitado, do que o som e a imagem. A quantidade de softwares de CMC cresce cada vez mais e, o mais

importante:

É através dela [CMC] que são estabelecidas e evidenciadas as trocas que darão origem às redes sociais observadas no ciberespaço. São as conversações que são ali estabelecidas que atuam como forma de compreender as trocas sociais que vão compor as redes sociais. (RECUERO, 2008a, p. 5).

No início da década de 90, através dos rastros das ferramentas de comunicação da internet, foi que o estudo de redes sociais começou a estudar as interações e conversações. Assim é “[...] que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na Internet é utilizada através da perspectiva de rede social.” (RECUERO, 2009b, p. 24), através das relações estabelecidas entre os indivíduos na conversação mediada pelo computador.

Diferente da conversação face a face e da conversação telefônica, a conversação mediada por computador proporciona um distanciamento entre os indivíduos, que ao mesmo tempo sugere que a conversação esteja ocorrendo face a face e à distância (REID, 1991<sup>15</sup> *apud* RECUERO, 2008b).

Reid (1991 *apud* RECUERO, 2008b) aponta duas formas de compreensão da comunicação mediada por computador: *síncrona*, na qual a expectativa de resposta é imediata e se caracteriza “[...] pelo compartilhamento do contexto temporal e midiático [...]”, como em um chat ou no MSN, por exemplo; e *assíncrona*, na qual a expectativa de resposta não é imediata, pois ela tende a se estender no tempo, como no e-mail, nos weblogs, microblogs e sites de redes sociais.

O estudo da interação social compreende, conforme Recuero (2009b), o estudo das comunicações entre os indivíduos, já que a interação está diretamente relacionada ao processo comunicativo. Diz a autora que esse estudo compreende “[...] estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas.” (RECUERO, 2009b, p. 31).

Primo (2000) propõe a existência de dois tipos de interação: a *interação mútua* e a *interação reativa*. A interação mútua caracteriza-se como um sistema aberto, ou seja, que forma um todo global com elementos interdependentes, dentro do qual os atores modificam-se uns aos outros, através de processos de negociação, no qual se engajam dois ou mais agentes. A interação mútua opera através de ações interdependentes desenvolvidas sob um fluxo dinâmico e em constante desenvolvimento. A interação reativa, por sua vez, caracteriza-

---

<sup>15</sup> REID, E. *Electropolis: Communication and Community on Internet Relay Chat*. Honors Thesis. University of Melbourne, 1991. *apud* RECUERO, 2008b.

se como um sistema fechado, apresentando relações lineares e unilaterais, sem reagir ao contexto em que se insere, e no qual os atores praticamente não têm condições de modificar os demais. A interação reativa funciona num processo de estímulo-resposta e opera através da ação e reação, com um fluxo linear e pré-determinado.

Recuero (2009b) defende que o tipo de uso que os indivíduos fazem dos sites de redes sociais pode determinar a expressão das redes sociais na internet. Assim as redes sociais na internet podem ser de dois tipos: *redes sociais emergentes* ou *redes de filiação*.

As redes sociais emergentes são aquelas “[...] cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador.” (RECUERO, 2009b, p. 94), ou seja, são expressas a partir da interação entre os indivíduos. Elas podem também ocorrer através da interação mediada por computador do tipo mútuo, por exemplo, nos comentários de um weblog (RECUERO, 2009b) ou nos fóruns de comunidades do Orkut. Segundo a análise da autora, as redes emergentes têm a tendência de serem mais conectadas e menores. Isso ocorre principalmente porque é necessário um esforço maior dos indivíduos conectados (RECUERO, 2009b).

As redes de filiação ou redes associativas caracterizam-se por conterem apenas um conjunto de atores e, também, por serem *redes de dois modos*. Assim, além de se estudar os atores-indivíduos, também são observados os eventos nos quais esses atores estão envolvidos (RECUERO, 2009b). A autora considera que as redes de filiação na internet decorram das interações reativas, ou seja, derivadas das conexões “estáticas” entre os atores da rede. Assim, as conexões nessas redes “[...] são forjadas através dos mecanismos de associação ou de filiação dos sites de redes sociais.” (RECUERO, 2009b, p. 98). Um bom exemplo são as listas de “amigos” no Orkut e as listas de “seguidores” no Twitter<sup>16</sup>. Como não é necessário um esforço para a manutenção dos laços estabelecidos por essas redes, é comum que se tornem redes muito grandes, pois “enquanto essas conexões não forem deletadas, ali permanecem, independentemente de interação social e de investimento em capital social.” (RECUERO, 2009b, p. 98).

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://twitter.com/>>.

### 3.1 SITES DE REDES SOCIAIS NO CIBERESPAÇO

Como colocado anteriormente, existem na internet, diversas possibilidades de espaços que podem ser apropriados pelos indivíduos e grupos a fim de caracterizarem-se como redes sociais, tais como os sites de relacionamento, weblogs, fotologs e microblogs, entre outros. Boyd & Ellison (2007<sup>17</sup>, *apud* RECUERO, 2009b, p. 102) definem como sites de redes sociais aqueles sites que permitem a construção do perfil do indivíduo, a interação através de comentários e a exposição pública da rede social do indivíduo. Esses sites diferem de outras ferramentas de comunicação mediada por computador pelo modo como ocorre a visualização e a articulação das redes sociais e a manutenção dos laços estabelecidos ao longo do tempo.

Em nosso trabalho, optamos por analisar, especificamente, os sites de redes sociais propriamente ditos, os quais se propõem a conectar pessoas através da interação e são “[...] focados em expor e publicar as redes sociais dos atores.” (RECUERO, 2009b, p. 104), como o Orkut, o Facebook<sup>18</sup> e os sites da plataforma Ning<sup>19</sup>. Existem ainda os sites de redes sociais apropriados que não foram criados com esse objetivo, mas que “[...] são apropriados pelos atores com esse fim.” (RECUERO, 2009b, p. 104), como os weblogs, os fotologs e o Twitter.

Hoje, o que vemos, é que a maioria das pessoas que utiliza um desses sites acaba aderindo a vários outros, cada um com uma finalidade diferente.

#### 3.1.1 Orkut

O site de rede social Orkut foi criado por Orkut Buyukkokten e adquirido em 2004 pelo Google<sup>20</sup>. Ao ser lançado, somente poderiam cadastrar-se usuários que recebessem um convite de alguém que já fosse usuário. Ainda em 2004, o Orkut teve um alto índice de

<sup>17</sup> BOYD, d. m., & ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), article 11.

<<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>, 2007. Acesso em 10/07/2008. *apud* RECUERO (2009b, p. 102).

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://www.facebook.com/>>.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.ning.com/>>.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.google.com/>>.

crescimento no Brasil e, ainda hoje, é o site de rede social mais utilizado no país: estima-se que sejam mais de 70% dos internautas residenciais<sup>21</sup>; conforme dados do próprio site, 51% dos usuários estão registrados como brasileiros<sup>22</sup>.

A participação no software inicia com a criação do perfil do usuário que será exibido aos demais usuários da rede, conforme as preferências definidas através de um formulário. O formulário de criação de perfil é uma página onde o usuário se identifica, escreve suas preferências, tais como esportes, atividades, livros, música, programas de tv, filmes e outros. Ainda no perfil, há uma página de recados, um espaço destinado para vídeos e outro espaço para álbum de fotos, um espaço reservado para que outras pessoas criem depoimentos sobre o usuário, cadastrem eventos, enviem links, convites e mensagens para outros usuários. Também podem ser adicionados ao perfil, aplicativos (*apps*) de música, jogos, livros, viagens ou questionários, disponíveis desde 2008 no Brasil.

Uma das primeiras ações do usuário no site é identificar perfis de amigos e conhecidos e adicioná-los ao seu perfil. Além de se conectar aos amigos, o perfil do usuário também poderá criar e participar das chamadas “comunidades”. As comunidades caracterizam-se pela existência de um tema ou assunto que é brevemente descrito por seu dono. No Orkut, as comunidades podem ser *públicas*, na qual qualquer pessoa pode se cadastrar e participar; *moderadas*, na qual um mediador precisa aprovar a participação como membro; ou ainda, *as comunidades por validação*, para a qual é requerida a validação através de e-mail do usuário. Quando uma comunidade é criada, o dono pode optar por requisitos de privacidade do conteúdo (aberta ou oculta) e de segurança do conteúdo (pode ser visualizado por qualquer idade ou somente por adultos). Como recursos, a comunidade dispõe de fóruns de discussão, enquetes e calendário de eventos.

Tanto para perfis, quanto para comunidades, o Orkut disponibiliza o Estatuto da Comunidade<sup>23</sup>, o qual estabelece algumas regras para proteger a privacidade, os direitos legais e a experiência dos membros do Orkut.

Conforme Recuero (2009a, online): “O Orkut é um site, como o Facebook e o Twitter. Ele representa redes sociais no momento em que é apropriado pelos grupos sociais”.

<sup>21</sup> Ranking do Ibope/NetRatings (março/2009). Cf. em: *Blog da Vanessa Nunes*. Publicado em: 30 abr. 2009. Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,log.BlogDataServer,getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt&section=Blogs&post=176014&blog=222&colidir=1&topo=3951.dwt>>. Acesso em: 18 mai. 2009

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll>>. Acesso em: 15 out. 2009.

<sup>23</sup> Disponível em:

<<http://www.google.com/support/orkut/bin/answer.py?hl=br&p=AdditionalTerms.aspx&answer=16198>>. Acesso em: 15 out. 2009.

No último dia 29 de outubro, o Orkut apresentou uma nova versão do site, que está disponível (novamente), apenas para pessoas que receberem um convite para utilizá-la. Segundo informações do site<sup>24</sup>, essa nova versão dispõe de uma navegação mais rápida, uma interface mais limpa e mais simples, a possibilidade de maior personalização do perfil de usuário, entre outras vantagens.

### 3.1.2 Ning

A Ning (palavra cujo significado é “paz”, em chinês) é uma companhia privada fundada em outubro de 2004, por Gina Bianchini e Marc Andressen. Ela tem como objetivo dar a possibilidade de qualquer pessoa criar sua própria rede social através de uma plataforma para a criação das redes sociais.

Essa plataforma foi lançada em fevereiro de 2007. Em junho de 2007, cinco meses após o lançamento, já hospedava 60 mil redes sociais, um mês depois, 80 mil, no final do mesmo ano, 150 mil e em dezembro de 2008 esse número chegou a 230 mil redes sociais. Para tal crescimento, a empresa se valeu de uma estratégia de marketing, bastante relacionada ao conceito de web 3.0, chamada *viral loop* duplo, que consiste, basicamente, em uma “[...] espécie de engenharia alquímica que, se realizada corretamente, quase garante um crescimento auto-replicável: um usuário, se torna dois, depois, quatro, oito, até 1 milhão ou mais.” (PENENBERG, 2008). Quando alguém cria uma rede social nessa plataforma, a primeira coisa a fazer é convidar pessoas a participarem e é dessa forma que a Ning estrutura seu crescimento. A empresa estima que no final de 2010 a hospedagem seja de cerca de 4 milhões de redes sociais.

Além de poder criar a própria rede social, o usuário pode também participar de diversas outras redes. Assim, essa plataforma dispõe da possibilidade de fidelização do usuário com diversos recursos.

O processo de criar uma rede social na plataforma Ning é bastante simples. O primeiro passo é escolher o nome e o endereço da rede. Após isso, o criador da rede irá acessar o site através de seu login e senha e poderá descrever a rede que está criando com as seguintes informações: tipo de privacidade (pública ou privada); uma tagline (frase que irá

---

<sup>24</sup> Cf. em: *Orkut Blog*. Publicado em: 29 out. 2009. Disponível em: <<http://blog.orkut.com/>>. Acesso em: 31 out. 2009.

aparecer identificando a rede abaixo do nome); a descrição da rede social; palavras-chave para indexação na internet, a língua, o país e a cidade da rede social.

O próximo passo da criação consiste na agregação de recursos, que podem ser: fórum, grupos, blog, bate-papo, música, fotos, vídeos, anúncios, descrição da rede social no Ning, espaço para notas, espaço para textos, imagens e links, RSS e espaços para os aniversariantes. Nesse momento é possível também definir o layout que terá a página inicial da rede, ou seja, em que parte da página cada recurso ativado pelo criador será exibido.

O terceiro e último passo é definir e personalizar a aparência da rede com relação às cores e os estilos de visualização. Após isso a rede está pronta para ser utilizada. Basta que sejam convidados membros e que seja adicionado conteúdo.

### *3.1.3 Sinarquivo*

A pesquisa com o site Sinarquivo não foi prevista inicialmente, uma vez que a rede, localizada na plataforma Ning, foi criada em julho de 2009, ou seja, após o término da elaboração do Projeto de Pesquisa. Seu surgimento constitui uma inovação no meio arquivístico e vem ao encontro das questões discutidas no presente trabalho.

A rede Sinarquivo foi criada pela instituição homônima Sinarquivo (Sindicato Nacional dos Arquivistas e Técnicos de Arquivo) e está sendo divulgada com a intenção de fortalecer as relações entre os arquivistas de todo o país, ressaltando a necessidade de existir mais união entre os profissionais da área. Nessa pesquisa, iremos nos restringir a analisar a interação e a comunicação existentes no site Sinarquivo, na plataforma Ning, mesmo sabendo que a fundação dessa entidade ainda é questionada pelos profissionais da área, com relação às circunstâncias em que se estabeleceu<sup>25</sup>.

Os recursos que estão ativos no site são: a) caixa para documentos – onde estão disponíveis os documentos relacionados à criação do Sindicato, tais como Estatuto, Ata da Assembléia de Fundação e Alvará de Funcionamento do Sindicato; b) mural de aniversários dos membros; c) mural de exibição dos perfis dos membros; d) caixa de música – onde estão disponíveis músicas para reprodução; e) espaço para exibição de notícias sobre arquivos e Arquivologia publicadas na imprensa; f) espaço para a exibição das fotos adicionadas pelos

---

<sup>25</sup> Maiores informações sobre o Sindicato estão disponíveis em seu site: <<http://www.sinarquivo.org.br/>>.

membros; g) calendário de eventos; h) espaço para a exibição de vídeos; i) fórum de discussão; j) espaço de grupos; k) histórico de atividades; l) espaço de anúncios; m) espaço para bate-papo; n) blog; o) links.

O membro do site, além de utilizar esses recursos, pode também personalizar sua página pessoal ou perfil, onde serão exibidas as atividades executadas pelo usuário dentro da rede.

Apesar de semelhante ao Orkut em diversos pontos, o Sinarquivo e a plataforma Ning, diferenciam-se ao darem mais opções aos usuários e ao permitirem uma personalização bem maior dos ambientes através das ferramentas da plataforma, inclusive com relação à disposição dos recursos na página inicial do site.

### 3.2 COMUNIDADES VIRTUAIS NAS REDES SOCIAIS DO CIBERESPAÇO

A comunidade é uma estrutura que se caracteriza por reunir pessoas que simpatizem com determinado tema ou assunto. No ciberespaço, as comunidades virtuais caracterizam-se por agrupar pessoas com interesses em comum sem que haja a necessidade de que essas pessoas já se conheçam pessoalmente ou morem no mesmo país, por exemplo.

Um dos maiores pesquisadores do assunto é Rheingold, que define comunidades virtuais como “[...] agregados sociais que surgem da Rede, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.” (RHEINGOLD, 1995<sup>26</sup>, *apud* RECUERO, 2009b, p. 137).

Sabemos que “[...] nem toda associação no ciberespaço é comunitária [...]”, já que existem muitas “[...] agregações comunitárias e contratuais de tipo societário [...]” (LEMOS, 2002, p. 154), conforme a abordagem que desenvolvemos no capítulo anterior. As comunidades que existem no ciberespaço podem sim se estender para fora da rede internet. O que ocorre no ciberespaço, é que não há limites ou barreiras de tempo ou espaço que impeçam a criação, a manutenção e o desenvolvimento dessas comunidades. Assim, conforme Lévy, pode-se

---

<sup>26</sup> RHEINGOLD, H. *La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995. *apud* RECUERO (2009b, p. 137).

[...] sustentar que as [...] chamadas ‘comunidades virtuais’ realizam de fato uma verdadeira atualização (no sentido de criação de um contato efetivo) de grupos humanos que eram apenas potenciais antes do surgimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999a, p. 130).

Se mantivermos a idéia de comunidade trazida pela Sociologia, é possível, segundo Lemos (2002), chamar de comunidades virtuais alguns tipos de agregação social existentes no ciberespaço, principalmente aquelas que se formam “[...] a partir de interesses comuns e gostos compartilhados.”, ou seja, que desenvolvem um tipo de relação “[...] mais empática que contratual.” (LEMOS, 2002, p. 165). Lemos (2002) também destaca os nove elementos de coesão das comunidades virtuais elencados por Godwin:

[...] o uso de *software* que permita discussão em grupo, a ausência de limitação em trocas de mensagens, a possibilidade de acesso para pessoas diversas, a possibilidade de deixar que os usuários resolvam seus problemas, a promoção de uma memória da comunidade; a promoção da continuidade, o bom recebimento dos neófitos, a promoção de áreas para crianças; e a confrontação dos usuários nas crises das comunidades. (GODWIN, 1994<sup>27</sup> *apud* LEMOS, 2002, p. 156).

Existem algumas propostas de tipologias de comunidades virtuais, tais como as de Burnett (2000)<sup>28</sup>, Kim (2000)<sup>29</sup>, Lazar e Preece (1998)<sup>30</sup> e Souza e Preece (2004)<sup>31</sup>. Neste trabalho, utilizaremos a tipologia escolhida e complementada por Szabó e Silva (2007).

Os autores escolheram a classificação proposta por Henri e Pudelko (2003)<sup>32</sup> por que esta classificação baseia-se em uma teoria social do aprendizado e dá ênfase à evolução temporal da interação entre os participantes da comunidade, considerando isso como um elemento característico da própria comunidade (SZABÓ; SILVA, 2007). Os critérios nos

<sup>27</sup> GODWIN, M. Nine principles for making virtual communities work. *Wired*, n. 2, 06 jun. 1994. *apud* LEMOS, (2002, p. 156).

<sup>28</sup> BURNETT, G. Information exchange in virtual communities: a typology. *Information Research*, v. 5, n. 4, 2000. Disponível em: <<http://informationr.net/ir/5-4/papers82.html>>. Acesso em: 10 mar. 2007. *apud* Szabó e Silva (2007).

<sup>29</sup> KIM, A. J. *Community building on the Web: Secret strategies for successful online communities*. Berkeley, CA: Peachpit Press, 2000. Disponível em: <<http://www.naima.com/community>>. Acesso em: 10 mar. 2007. *apud* Szabó e Silva (2007).

<sup>30</sup> LAZAR, J.; PREECE, J. Classification Schema for Online Communities. In: AMERICAS CONFERENCE ON INFORMATION SYSTEMS, 1998, Baltimore. *Anais...* Baltimore: AIS, 1998. p. 84-86. Disponível em: <[http://ifsm.umbc.edu/~preece/Papers/1998\\_AMCIS\\_Paper.pdf](http://ifsm.umbc.edu/~preece/Papers/1998_AMCIS_Paper.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2007. *apud* Szabó e Silva (2007).

<sup>31</sup> SOUZA, C.S.; PREECE, J. A framework for analyzing and understanding online communities. *Interacting with Computers*, 16, p. 579-610, 2004. Disponível em: <[http://www.ifsm.umbc.edu/~preece/Papers/Framework\\_desouza\\_preece2003.pdf](http://www.ifsm.umbc.edu/~preece/Papers/Framework_desouza_preece2003.pdf)>. Acesso em: 03 mai. 2007. *apud* Szabó e Silva (2007).

<sup>32</sup> HENRI, F.; PUDELKO, B. Understanding and analyzing activity and learning in virtual communities. *Journal of Computer Assisted Learning*, n. 19, p. 474-487, 2003. *apud* Szabó e Silva (2007).

quais Henri e Pudelko (2003<sup>33</sup>, *apud* SZABÓ; SILVA, 2007) basearam-se para definir sua proposta de tipologia foram os três a seguir: a) intenção de formação da comunidade, o que se pode ser considerada como a existência de um objetivo associada a uma atividade; b) nível de envolvimento dos participantes, que dependerá da intensidade de conexão entre os participantes da comunidade, ou seja, se há maior ou menor coesão entre eles; c) evolução dos dois primeiros critérios: intenção ou objetivo de formação da comunidade e nível de integração ou envolvimento entre os membros. Para Henri e Pudelko:

[...] o nível de atividade de uma comunidade virtual evolui quando o objetivo da comunidade se consolida, justificando a ação coletiva em torno daquele objetivo, e quando os participantes se tornam mais envolvidos e mais conscientes de que constituem uma entidade social de aprendizado. (HENRI; PUDELKO, 2003, *apud* SZABÓ; SILVA, 2007, p. 61).

Os quatro tipos de comunidades virtuais propostos por Henri e Pudelko (2003, *apud* SZABÓ; SILVA, 2007) são:

- a) comunidades de interesse
- b) comunidades de interesses orientadas a objetivos
- c) comunidades educacionais
- d) comunidades de prática.

A *comunidade de interesse* se constitui por um grupo reunido em torno de um tema comum, do qual os membros participam “[...] para ampliar seu conhecimento por meio da troca de saberes, e da obtenção de respostas para suas dúvidas.” (HENRI; PUDELKO, 2003, *apud* SZABÓ; SILVA, 2007, p. 62). Henri e Pudelko (2003) observam que nesse tipo de comunidade o objetivo é mais individual do que coletivo, mas para Szabó e Silva (2007) o conteúdo das discussões ocorridos nessas comunidades não deve ser subestimado: “Esse conteúdo é um produto coletivo difícil de ser mensurado ou comparado ao benefício individual das comunidades, e se relaciona à formação da inteligência coletiva.” (SZABÓ; SILVA, 2007, p. 63).

A *comunidade de interesses orientada a objetivos* é um tipo de comunidade que surge com o intuito de realizar um projeto, atender uma determinada necessidade ou resolver um problema; seus membros são definidos em função de suas competências. Essa comunidade precisa manter uma capacidade de entendimento comum sobre seu foco, do contrário corre o risco de dispersar-se (HENRI; PUDELKO, 2003, *apud* SZABÓ; SILVA,

---

<sup>33</sup> HENRI, F.; PUDELKO, B. Understanding and analyzing activity and learning in virtual communities. *Journal of Computer Assisted Learning*, n. 19, p. 474-487, 2003. *apud* Szabó e Silva (2007).

2007). Com relação à descentralização e à auto-regulação, observa-se que as comunidades de interesse orientadas a objetivo não seguem o padrão das comunidades virtuais, já que, em função de seus objetivos, é necessária certa coordenação de atividades para que estes sejam atingidos, aspecto este que não diminuirá a relevância da interação coletiva no âmbito da comunidade. Essas comunidades, após a obtenção dos resultados que almejam, podem vir a tornarem-se comunidades de prática (SZABÓ; SILVA, 2007).

A *comunidade educacional* é formada “[...] por alunos de uma mesma classe, de uma mesma instituição ou geograficamente dispersos [...]” (HENRI; PUDELKO, 2003<sup>34</sup>, *apud* SZABÓ; SILVA, 2007, p. 64). Seu principal objetivo é desenvolver o aprendizado através de relações sociais entre seus membros. Na comunidade educacional há a necessidade da orientação de um professor para a construção do aprendizado, que, por sua vez, está relacionado aos objetivos de uma disciplina. Segundo Henri e Pudelko (2003, *apud* SZABÓ; SILVA, 2007), essa comunidade existirá enquanto a disciplina ou o programa educacional existir, no entanto, Szabó e Silva (2007) acreditam que a comunidade educacional pode continuar a existir se seus membros estabelecerem laços fortes o suficiente para continuarem interagindo. Os autores acreditam que dessa forma a comunidade educacional poderá evoluir para uma comunidade de prática ou, ainda, para uma comunidade virtual de conhecimento.

Para Henri e Pudelko (2003) a *comunidade de prática* é a comunidade virtual formada por pessoas que exercem a mesma atividade profissional ou compartilham as mesmas condições laborais. Nessa comunidade, os participantes podem “[...] aperfeiçoar suas práticas, reafirmar sua identidade profissional e contribuir para a própria comunidade.” (HENRI; PUDELKO, 2003, *apud* SZABÓ; SILVA, 2007, p. 65). As comunidades de prática não têm uma duração ou um objetivo definidos, mas são capazes de atrair novos membros. Conforme Henri e Pudelko “[...] para as corporações, as comunidades de prática representam uma forma de reforçar práticas desejáveis, integrar novos membros e manter o saber associado à prática profissional.” (HENRI; PUDELKO, 2003, *apud* SZABÓ; SILVA, 2007, p. 65).

Segundo Szabó e Silva (2007), para Henri e Pudelko (2003), através de uma possível evolução dos demais tipos de comunidades poderiam surgir comunidades de prática corporativa. Ao invés de enfatizar o valor das comunidades virtuais para fins corporativos, como fazem Henri e Pudelko, Szabó e Silva (2007) afirmam que é necessário buscar a inovação e a transformação dos mecanismos de evolução da humanidade e “estimular o surgimento de outras relações que fortaleçam a própria sociedade, e não as corporações

---

<sup>34</sup> HENRI, F.; PUDELKO, B. Understanding and analyzing activity and learning in virtual communities. *Journal of Computer Assisted Learning*, n. 19, p. 474-487, 2003. *apud* Szabó e Silva (2007).

dominantes.” (SZABÓ; SILVA, 2007, p. 66). Assim, como forma de complementar criticamente o modelo de classificação de comunidades virtuais de Henry e Pudelko, Szabó e Silva (2007) propõem um nível mais evoluído na escala de classificação, em uma abordagem sócio-humanista: a *comunidade virtual de conhecimento*. Segundo os autores, nesse tipo de comunidade virtual

[...] a intenção de formação estaria associada ao compromisso de transformação da sociedade, e o nível de envolvimento entre os participantes teria por base o senso de pertencimento à sociedade (cidadania), anterior ao pertencimento a um grupo que compartilha uma mesma corporação ou atividade profissional. (SZABÓ e SILVA, 2007, p. 66)

A comunidade virtual de conhecimento proposta por Szabó e Silva (2007) nos remete diretamente ao conceito de *inteligência coletiva* proposto por Pierre Lévy. Segundo o filósofo

[...] um grupo humano qualquer só se interessa em constituir-se como comunidade virtual para aproximar-se do ideal do coletivo inteligente, mais imaginativo, mais rápido, mais capaz de aprender e de inventar do que um coletivo inteligentemente gerenciado. O ciberespaço talvez não seja mais do que o indispensável desvio técnico para atingir a inteligência coletiva. (LÉVY, 1999a, p. 130).

A inteligência coletiva é “[...] uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilidade efetiva das competências.” (LÉVY, 1998, p. 28). Ela tem como base e objetivo “[...] o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas.” (LÉVY, 1998, p. 28). O autor acredita que o ciberespaço é o local mais adequado para as “[...] interações entre conhecimentos [...]” e para os “[...] coletivos inteligentes desterritorializados [...]” (LÉVY, 1998, p. 28).

Para Rheingold (1995<sup>35</sup> *apud* COSTA, 2002, p. 60), enquanto representação da comunidade virtual, a idéia de mente coletiva é “[...] a de um grupo estimulado a trabalhar em função de um indivíduo, dos benefícios mais claros e palpáveis que ele pudesse vir a obter.”. Ainda conforme o autor, em um determinado momento, as comunidades virtuais, inclusive, “[...] podem auxiliar os respectivos membros a lidarem com a sobrecarga de informação [...]”. Para ele, uma comunidade virtual devidamente organizada pode representar uma importante riqueza “[...] de conhecimento distribuído, de capacidade de ação e de

---

<sup>35</sup> RHEINGOLD, H. *La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995. *apud* COSTA (2002, p. 61).

potência cooperativa.” (RHEINGOLD, 1995 *apud* COSTA, 2002, p. 61).

Segundo Costa (2002, p. 27), na internet, “[...] os participantes ativos de fóruns representam não mais que 10% da audiência; os outros 90% passam seu tempo apenas acompanhando as discussões.”, e mesmo assim, sentindo-se plenamente incluídos na comunidade. Sobre esse fato, o autor lembra também que a participação do indivíduo em qualquer comunidade virtual depende de “[...] investimento de tempo, paciência e compreensão de coisas novas, muitas vezes difíceis de assimilar.” (COSTA, 2002, p. 58).

Recuero (2009b) ressalta que a diferença entre a estrutura da rede social e a comunidade estabelecida dentro dela está nos elementos de conexão e não nos atores, uma vez que a comunidade virtual é “[...] um conjunto de atores e suas relações que, através da interação social em um determinado espaço constitui laços e capital social em uma estrutura de *cluster*, através do tempo, associado a um tipo de pertencimento.” (RECUERO, 2009b, p. 144-145).

## 4 A ARQUIVOLOGIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 37), a Arquivologia é a “disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos.”.

Essa disciplina tem como sua principal função, perante a sociedade, promover o acesso à informação contida nos documentos de caráter arquivístico. Para cumprir tal função, é necessário que os documentos de um arquivo encontrem-se em condições arquivísticas adequadas, ou seja, devidamente classificados, ordenados, avaliados, preservados e, se possível, descritos.

Silva afirma que aos arquivistas “[...] está confiada à missão precípua de compreender, amparar e desenvolver a vocação da cultura, do conhecimento, da informação e da memória pública, privada, individual ou social.” (SILVA, 2006, p. 23). Somente através de seu trabalho, o arquivista poderá cumprir sua missão. Para isso, ele deverá valer-se dos princípios e teorias desenvolvidos pela disciplina ao longo de muitos anos e saber utilizá-los de forma crítica, não apenas por acomodação.

Segundo Fugueras, a arquivística integra

[...] dois campos de ação perfeitamente sobrepostos; por um lado, um conjunto de princípios teóricos e um método específico que lhe permitem resolver de forma eficiente os problemas colocados pela necessidade de organizar documentos e informações; e, por outro, uma vertente prática que se configura através de uma série de técnicas e procedimentos específicos que são evidentes na conservação dos diferentes suportes documentais e na difusão da informação. (FUGUERAS, 2003, p. 13, tradução nossa).

Dessa afirmação, podemos salientar como funções do arquivista, a organização de documentos e informações, a conservação dos suportes documentais e a disseminação de informações<sup>36</sup>.

Nesse sentido, acreditamos que a Arquivologia pode utilizar as redes sociais na internet para promover a disseminação de informações e de conhecimento arquivístico, não apenas entre profissionais e estudantes, mas para a sociedade como um todo.

Bellotto (2005) nos fala da importância da difusão em arquivos. Para a autora, é

---

<sup>36</sup> Fornecimento e difusão de informações através de canais formais de comunicação (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 71).

do arquivista a responsabilidade por buscar os meios de comunicação que levem a sua mensagem, assim, “em primeiro lugar, o arquivo realiza sua ação educativa em direção ao grande público; em segundo, mostra o que é e o que faz, atraindo, na direção contrária, possíveis pesquisadores.” (BELLOTTO, 2005, p. 244).

Fugueras acredita que a internet, ao surgir, “[...] abriu enormes possibilidades para o acesso a informações remotas, sem limite espacial ou temporal, e parece constituir-se como o motor da mudança de imagem dos arquivos.” (FUGUERAS, 2003, p. 164, tradução nossa). Segundo ele, como a internet recebe continuamente muitas informações, ela

[...] se torna cada vez mais o cenário privilegiado para um futuro arquivo virtual, o que significa uma nova percepção da imagem dos arquivos, um fator de redimensionamento dos serviços, especialmente no que toca à superação das fórmulas clássicas de acesso dos usuários, e uma alavanca para a potencialização da interconectividade e da cooperação. (FUGUERAS, 2003, p. 164, tradução nossa).

Perez (2005) define a difusão em arquivos como um processo de divulgação, ou seja, “[...] o ato de tornar público, de dar a conhecer o acervo duma instituição assim como os serviços que esta coloca a disposição dos seus usuários.” (PEREZ, 2005, p. 7).

Dentre várias sugestões de recursos para a difusão de arquivos fotográficos citadas por Perez (2005, p. 11) destacamos aquelas que podem ser desenvolvidas ou disponibilizadas on-line: *informativos eletrônicos, publicação de instrumentos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, apresentação de trabalhos em eventos, promoção de eventos, publicações técnicas, sistema de vídeo conferência, e páginas na web*. De acordo com o uso que pode ser feito desses recursos é que serão criadas as condições propícias à disseminação da informação e do conhecimento arquivístico.

Além de servir às instituições no sentido de buscar mais usuários, esses recursos podem servir à Arquivologia em si, por criar meios onde possa ser discutida a teoria e a prática dessa disciplina.

Fugueras (2001) também sugere alguns recursos e serviços que podem ser utilizados ou disponibilizados através da internet com o intuito de promover a disseminação de informações. São eles: o *correio eletrônico* ou *e-mail*, *listas de distribuição* - “[...] sistema para manter em contato grupos de usuários que estão interessados no mesmo assunto.” (FUGUERAS, 2001, p. 143, tradução nossa), *chat* e *arquivos de áudio*.

Para Rodríguez (1995, p. 97-98, tradução nossa) “[...] os serviços que [a internet] melhor pode oferecer ao arquivo são a capacidade informativa e o intercâmbio de informação.”, os quais podem ser obtidos através de dois pontos fundamentais: o e-mail e o

arquivo como ponto de acesso e intercâmbio de informação.

Sobre o segundo ponto apresentado, o autor afirma que o arquivo pode ser um ponto de acesso ao disponibilizar informações de caráter geral atualizadas constantemente, como um guia, por exemplo, ou também, disponibilizando instrumentos de descrição mais precisos, como os catálogos, ou ainda, disponibilizando imagens de documentos. Tudo isso poderá ser acessado sem nenhuma limitação e a um custo praticamente insignificante de qualquer parte do mundo. No entanto, é necessário entender que esses pontos devem ser recíprocos, uma vez que além de informar, o arquivo será informado a partir de seu ponto de acesso, através do que será possível tornar ilimitada a capacidade informativa do arquivo (RODRÍGUEZ, 1995, p. 98).

Reilly e Newman (2007, *apud* COOK, 2007) relatam a pesquisa elaborada para o Conselho de Museus, Bibliotecas e Arquivos do Reino Unido (MLA), cuja política “ênfatiza fortemente o direcionamento para o atendimento do usuário no setor de museus, bibliotecas e arquivos” (COOK, 2007, p. 127). A partir dessa política, vem sendo desenvolvida uma abordagem na qual é possível incluir informações fornecidas pelos usuários nas descrições arquivísticas. Para detalhar essa abordagem, Cook dá o exemplo de fotografias que fazem parte de um acervo arquivístico:

Tipicamente, a imagem em uma fotografia não é compreensível a menos que haja informações específicas na descrição do conteúdo ou, então, informação adicional dada por fontes externas: isto é, por um usuário com conhecimento específico. Assim, a foto de um grupo familiar geralmente necessitará não apenas de informação sobre a produção e transmissão do documento, mas, também, sobre a identidade das pessoas mostradas e a atividade na qual elas estão engajadas. [...] Nesses casos, a contribuição do usuário é necessária para produzir um instrumento de pesquisa efetivo. (COOK, 2007, p. 127).

Além de exigir profundas modificações nos métodos de trabalho atualmente desenvolvidos pelos arquivistas, a abordagem de um usuário colaborativo precisa incluir “[...] o desenvolvimento na tecnologia da informação, levando-se em conta a captura de dados na rede.” (COOK, 2007, p. 128). Nesse sentido, o autor sugere a utilização da abordagem “wiki”<sup>37</sup>, já utilizada pelo Arquivo Nacional do Reino Unido<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> “Os termos *wiki* e *WikiWiki* são utilizados para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou o software colaborativo usado para criá-lo.” Cf. em: *Wikipédia*, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>>. Acesso em: 08 nov. 2009. O melhor exemplo de software colaborativo é a própria *Wikipédia*, que consiste, basicamente, em uma enciclopédia que pode ser construída por qualquer usuário. Também podemos citar a *Archivopedia*, a enciclopédia wiki dos arquivos. Disponível em: <[http://archivopedia.com/wiki/index.php?title=Main\\_Page](http://archivopedia.com/wiki/index.php?title=Main_Page)>. Acesso em: 17 nov. 2009.

<sup>38</sup> Cf. em *Your Archives* <[http://yourarchives.nationalarchives.gov.uk/index.php?title=Home\\_page](http://yourarchives.nationalarchives.gov.uk/index.php?title=Home_page)>. Acesso em:

Lopes (1995) afirma que muitas vezes a utilização da informática cria mais problemas do que soluções, fato diretamente relacionado à forma de utilização das tecnologias. Assim, podem existir muitas vantagens a partir de uma utilização consciente das tecnologias e ferramentas disponíveis através da informática, pois, como diz o autor “Se quem utiliza a Informática possui uma formação intelectual humanística, independentemente de sua área de ação, o uso desta é potencializado ao máximo.” (LOPES, 1995, p. 51). Segundo o autor, o primeiro pesquisador a abordar o uso dos recursos informáticos nas atividades arquivísticas foi Michael Cook, com o livro *Archives and the computer*, de 1980. Cook (1980<sup>39</sup>, *apud* LOPES, 1995, p. 53) enfatizou cinco usos possíveis dos recursos informáticos para o arquivista: serviços de protocolo; gestão global de arquivos; projetos de descrição, publicação e pesquisa em arquivos; controle de consultas e de materiais de consumo; e guarda e controle dos documentos produzidos por computador.

Quase 30 anos depois, sabe-se que existem outras possibilidades dessas elencadas por Cook. Os arquivistas, além de todos os outros profissionais do mundo, podem utilizar as ferramentas da informática para interconectar-se a outros profissionais, com o intuito de gerar cooperação, mesmo entre grupos internacionais. O Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, por exemplo, desenvolve uma política externa para o desenvolvimento da ciência com base no intercâmbio científico (INTERLIGAR..., 2009).

Entretanto, utilizar as tecnologias de informação e comunicação disponíveis na internet não basta. É imprescindível que o arquivista especialize-se em novas áreas. Conforme Fugueras (2003, p. 27), o crescimento da utilização dessas tecnologias aliadas a algumas técnicas de documentação tem reforçado o potencial da arquivística. Esse fato, segundo o autor, “[...] projeta um futuro em que o arquivista será obrigado a formar-se em novas áreas e no que deverá considerar a possibilidade de uma especialização dentro da especialização, dado o alto valor atribuído à informação no âmbito da iniciativa privada.” (FUGUERAS, 2003, p. 27, tradução nossa).

Além da formação, podemos destacar a relevância das associações profissionais, cuja criação é associada à inquietude profissional dos arquivistas. As associações profissionais organizam-se a fim de alcançar determinados objetivos, tais como:

Promover as relações e a cooperação com as instituições governamentais de arquivo.

---

17 nov. 2009.

<sup>39</sup> COOK, M. *Archives and the computer*. London; Boston: Butterworths, 1980. *apud* LOPES (1995, p. 53).

Promover a formação dos seus membros, mediante a organização de congressos, jornadas, debates, colóquios, seminários e publicações. Estimular a formação especializada ou pós-graduação em colaboração com as universidades. Formação de parcerias com outras associações de arquivistas ou outras áreas relacionadas ao mundo do patrimônio histórico e das ciências da informação. Disseminar o trabalho de arquivistas e o papel dos arquivos, a fim de sensibilizar as instituições e a população sobre a importância da correta conservação, organização e acesso ao patrimônio documental. (FUGUERAS, 2003, p. 61-62, tradução nossa).

Assim como diz Silva (2004), que a ciência e a tecnologia são aspectos da questão humana, ao tratar da preservação da informação frente às novas e velhas tecnologias como uma questão política, acreditamos também que a interação em nossa área, a Arquivologia, é, sobretudo, uma questão humana.

O desenvolvimento da Arquivologia, enquanto disciplina científica, está ligado diretamente à existência ou à falta de trabalho colaborativo entre os profissionais da área. Entendemos trabalho colaborativo como “[...] aquele em que várias pessoas, locais ou remotamente distribuídas, cooperam para a realização de uma mesma tarefa de forma síncrona ou assíncrona.” (SCHWARZELMÜLLER; CARVALHO, 2003, p. 46). Sendo a cooperação um ato social, ela requer a existência de interação humana a fim de que seja atingido um objetivo comum. Podem as tecnologias da informação e comunicação e os recursos telemáticos propiciar ambientes de qualidade, que motivem, atraiam, sejam interativos e cooperativos para a aprendizagem, mas, sem a interação necessária, esses ambientes de nada valerão para a ciência (SCHWARZELMÜLLER; CARVALHO, 2003).

Ao fazer um paralelo entre o trabalho do arquivista e a nova geração da internet, a chamada Web 2.0, a qual caracteriza-se pela colaboração dos internautas e pelos serviços oferecidos on-line, Luz (on-line) diz que o arquivista 2.0 é aquele que “[...] que entende a especificidade da informação orgânica, aquela gerada da relação das pessoas com as instituições.”, portanto, é o arquivista 2.0 um profissional mais preocupado com o laço social.

## 5 METODOLOGIA

Nesse capítulo, apresentamos a metodologia aplicada para o desenvolvimento da pesquisa. Trata-se de uma abordagem *qualitativa*, que se baseará na análise dos dados e significados obtidos, e *quantitativa*, pois irá quantificá-los e relacioná-los à revisão teórica da pesquisa.

A metodologia utilizada baseia-se na análise de conversação, conceito desenvolvido através da etnometodologia. A etnometodologia consiste em uma abordagem que “[...] preocupa-se com a forma como membros da sociedade criam o mundo social em que vivem.” (EDGAR; SEDGWICK, 2003, p. 118). Segundo Haguette

A etnometodologia estuda e analisa as atividades cotidianas dos membros de uma comunidade ou organização, procurando descobrir a forma como elas se tornam visíveis, racionais e reportáveis, ou seja, como eles as consideram válidas, uma vez que a reflexividade sobre o fenômeno é uma característica singular de ação. (HAGUETTE, 2003, p.50).

O termo foi utilizado, inicialmente, por Harold Garfinkel, na década de 40, como “método de pessoas” (HAGUETTE, 2003; EDGAR; SEDGWICK, 2003) e a abordagem que foi desenvolvida a partir de então, se tornou popular nos anos 60. Conforme Edgar e Sedgwick (2003), as duas principais abordagens utilizadas pelos etnometodólogos são o experimento de ruptura e a análise de conversação.

Por sua vez, a análise de conversação consiste no “[...] estudo das estruturas e das propriedades formais da linguagem.” (COULON, 1995, p. 73) e “[...] procura documentar como exemplos específicos de interação social são sustentados.” (EDGAR; SEDGWICK, 2003, p. 119).

Segundo Marcuschi (1997), até a década de 70, a análise de conversação se preocupava, basicamente, em descrever as “[...] estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores.” (1997, p. 6). Atualmente, a análise de conversação também se preocupa “[...] com a especificação dos conhecimentos lingüísticos, paralingüísticos e socioculturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem-sucedida.” (GUMPERZ, 1982<sup>40</sup> *apud* MARCUSCHI, 1997, p. 6). Ainda segundo Marcuschi, a característica metodológica básica da análise de conversação é a indução, já que “[...] inexistem modelos *a priori*.” (1997, p. 7).

---

<sup>40</sup> GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge Univ. Press. 1982. *apud* MARCUSCHI (1997, p. 6).

Conforme o autor, as cinco características básicas que constituem a organização elementar da conversação são (MARCUSCHI, 1997):

- a) interação entre pelo menos dois falantes;
- b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- c) presença de uma seqüência de ações coordenadas;
- d) execução numa identidade temporal;
- e) envolvimento numa “interação centrada”.

A “presença de uma seqüência de ações coordenadas” caracteriza-se pela presença de *par adjacente* ou par conversacional. Conforme Marcuschi: “*Par adjacente* (ou par conversacional) é uma seqüência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação.” (1997, p. 35). O autor exemplifica alguns pares conversacionais: pergunta-resposta; ordem-execução; convite-aceitação/recusa; cumprimento-cumprimento; xingamento-defesa/revide; acusação-defesa/justificativa; pedido de desculpa-perdão.

Considerando que essa pesquisa constitui-se em uma análise da conversação em sites de redes sociais, não será essencial que as conversações registradas nos sites tenham uma mesma identidade temporal, ou seja, tenham ocorrido durante o mesmo tempo. Nesses sites, as conversações podem ocorrer em uma identidade temporal alargada, com duração de dias, semanas etc., o que dependerá diretamente daquilo que os indivíduos dispuserem-se a discutir. Para a pesquisa, será considerado como mesma identidade temporal, se o tópico aberto foi aberto e discutido no mesmo dia em que aberto.

Como “interação centrada” considerou-se a característica de manutenção do foco da conversação, ou seja, se a conversação mantém-se centrada no assunto proposto pelo membro que iniciou o tópico de discussão.

As características foram analisadas na respectiva ordem em que se encontram, visto que ao obter uma resposta negativa já no primeiro item (interação entre pelo menos dois falantes), os demais critérios ficam comprometidos, pois, não existe interação ou conversação com apenas uma pessoa. Esse fato “[...] permite que se exclua o monólogo, o sermão, a conferência etc. das conversações.” (MARCUSCHI, 1997, p. 15).

## 5.1 TÉCNICAS

A técnica de pesquisa escolhida foi a observação sistemática e não-participante.

Conforme Marconi e Lakatos (1999), a observação tem como principais vantagens: possibilitar meios diretos e satisfatórios para estudar os fenômenos, exige menos do pesquisador e depende menos da introspecção e reflexão. Para as autoras, as limitações dessa técnica são (MARCONI e LAKATOS, 1999): a tendência do observador de criar impressões favoráveis ou desfavoráveis do objeto, a impossibilidade de prever a ocorrência do acontecimento, a variabilidade da duração do acontecimento e o fato de que outros aspectos podem não ser acessíveis ao observador.

Nossa pesquisa consistirá na observação das comunidades nas redes sociais da internet, nas quais os registros de interações entre os indivíduos permanecem gravados por tempo indeterminado. Logo, mesmo que não possamos prever a ocorrência de interação nesse meio, teremos acesso a ela caso ela já tenha sido encerrada ou esteja em desenvolvimento. O mesmo ocorre com relação à duração da interação, já que essa ficará gravada no site. Poderemos, então, observá-la quantas vezes for necessário, mesmo que duas interações ocorram ao mesmo tempo no sistema.

Utilizou-se a observação sistemática, que se caracteriza por se realizar em condições controladas, a fim de responder a propósitos preestabelecidos (MARCONI e LAKATOS, 1999), e não participante, pois o pesquisador não se integra a comunidade, ou seja, “[...] presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador.” (MARCONI e LAKATOS, 1999, p. 92).

Inicialmente, foram identificadas nos sites as comunidades relacionadas à Arquivologia. Na pesquisa, comunidades com menos de dois membros não foram incluídas, por não possibilitarem nenhuma forma de interação ou conversação. Através de visitas aos perfis dos grupos e comunidades foram realizadas as observações, a partir das quais foram levantadas as informações utilizadas nessa pesquisa.

Com base nas características estabelecidas por Marcuschi (1997), elaboramos um modelo de tabela<sup>41</sup> a fim de coletar os dados necessários através da técnica de observação e que nos possibilitará analisar de forma mais clara essas informações.

## 5.2 DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO DE PESQUISA

---

<sup>41</sup> Ver Apêndice B – Tabela para Coleta de Dados

Inicialmente, a população pesquisada era constituída por 188 comunidades localizadas no Orkut e 9 grupos localizados no Sinarquivo. Todas as comunidades ou grupos observados caracterizam-se por possuírem mais de um membro e se identificarem com assuntos relacionados à Arquivologia.

Ao decorrer do trabalho, uma comunidade deixou de existir e outras foram encontradas ou criadas. O universo de pesquisa foi, então, de 200 comunidades do Orkut e 11 grupos do Sinarquivo.

É possível que no levantamento de comunidades do site Orkut, tenha-se deixado, involuntariamente, de fora dessa pesquisa alguma comunidade relevante que não pode ser identificada devido à ferramenta de busca do site, assim como durante a pesquisa foram identificadas comunidades com as quais não havíamos tido contato antes ou que foram criadas após o início da pesquisa.

A amostra selecionada para a análise compreende 8 (oito) comunidades do site Orkut, uma de cada categoria definida, e 1 (um) grupo do site Sinarquivo. Não foi possível incluir um número maior de comunidades na pesquisa pois isso tomaria um tempo maior para a coleta de dados, o que poderia prejudicar o desenvolvimento do trabalho. Os critérios de amostragem estão definidos a seguir, no item 5.3.

### 5.3 TIPO DE AMOSTRAGEM

A técnica de amostragem escolhida para o desenvolvimento da pesquisa foi a amostragem aleatória simples, na qual todos os elementos da população a ser estudada têm a mesma probabilidade de serem escolhidos. O procedimento consistiu em numerar cada comunidade do Orkut e do Sinarquivo com apenas um número e selecionar a amostra a ser estudada com o auxílio de uma tabela de números aleatórios.

## 6 A COMUNIDADE ARQUIVÍSTICA NO ORKUT E NO SINARQUIVO

Passamos agora a analisar o objeto de estudo dessa pesquisa, a comunidade arquivística presente no Orkut e no Sinarquivo e as interações que possam ocorrer nesse meio. Não pretendemos realizar um estudo exaustivo, mas sim, reunir elementos e relacioná-los à bibliografia trabalhada.

### 6.1 ORKUT

De acordo com informações do próprio Orkut, 51,08% dos perfis cadastrados são brasileiros, 57,02% tem entre 18 e 25 anos e 64,35% criaram seu perfil no Orkut com interesse em amigos.

Inicialmente, foram identificadas, no Orkut, 188 comunidades contendo os termos “arquivologia”, “arquivística”, “arquivista” e/ou “arquivo” e, ainda, comunidades com temas relacionados à área. Ao longo da pesquisa, uma comunidade teve suas atividades encerradas<sup>42</sup> e 12 novas comunidades foram identificadas. Essas não foram incluídas a tempo na amostra que foi submetida à análise da conversação, mas constam na análise quantitativa elaborada e apresentada a seguir. É muito provável que outras comunidades tenham existido no site e tenham sido encerradas sem que existam, atualmente, quaisquer registros a seu respeito. Ao final da pesquisa havia 199 comunidades ativas.

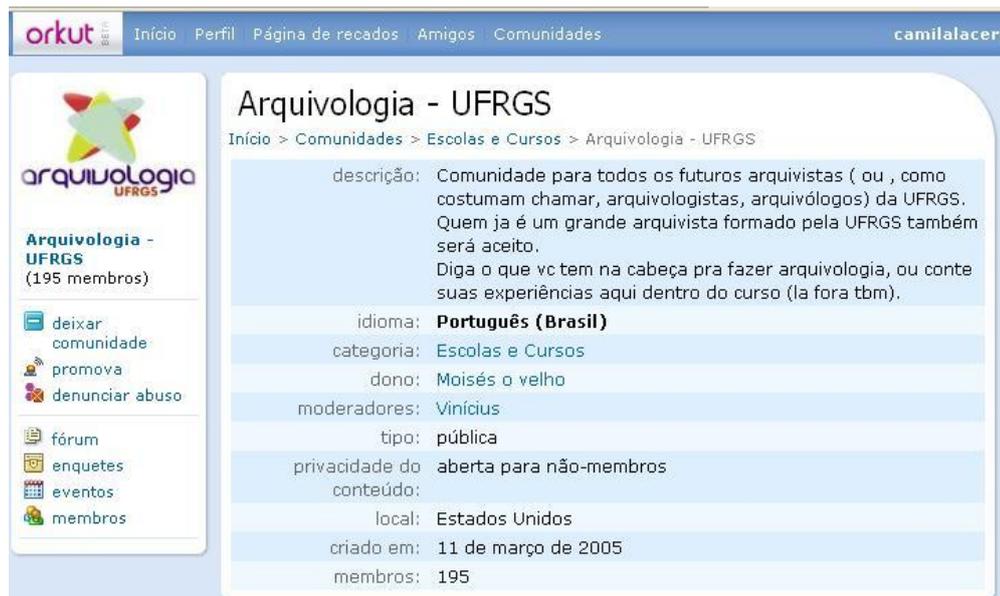
As comunidades e os grupos foram listados e verificados individualmente a fim de evitar a duplicidade de inclusão na pesquisa; assim, percebeu-se que existem comunidades com o mesmo nome e também comunidades com a mesma imagem de identificação visual. Estabeleceu-se como critério incluir na pesquisa apenas comunidades com mais de um membro, já que não há possibilidade de interação nestes casos.

No momento da criação de uma comunidade no Orkut, o dono da comunidade deve preencher um formulário, no qual é solicitado: um nome para a comunidade, a categoria na qual a comunidade se enquadra, o tipo de comunidade, escolher ou não a opção pelo envio de mensagens aos membros, definir qual a privacidade do conteúdo, definir qual a segurança

---

<sup>42</sup> Imaginamos que esse fato tenha ocorrido, uma vez que ao tentar acessar o endereço eletrônico da comunidade, o Orkut informa que a página não existe mais.

do conteúdo, o idioma, a cidade, o estado, o CEP, o país, inserir uma imagem para identificação visual da comunidade no site, uma breve descrição dessa e a opção por ativar ou não os recursos: fórum, enquetes e eventos. Como o preenchimento desses dados é feito livremente, podem ocorrer algumas distorções. A comunidade “Arquivologia – UFRGS”, conforme vemos na Figura 3, por exemplo, identifica-se como localizada nos Estados Unidos. Na mesma comunidade, podemos perceber, através do nome do dono da comunidade (Moisés o velho), uma alusão ao Arquivo Histórico de Porto Alegre Moisés Vellinho.



**FIGURA 3 – PÁGINA INICIAL DA COMUNIDADE “ARQUIVOLOGIA – UFRGS”**

Fonte: Orkut<sup>43</sup>.

As comunidades selecionadas para a presente pesquisa pertencem às seguintes categorias próprias do Orkut:

- a) Alunos e Escolas
- b) Animais: de estimação ou não
- c) Artes e Entretenimento
- d) Atividades
- e) Culturas e Comunidade
- f) Empresa
- g) Escolas e Cursos
- h) Esportes e Lazer
- i) Governo e Política

<sup>43</sup> Disponível em: < <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1524014> >. Acesso em: 27 out. 2009.

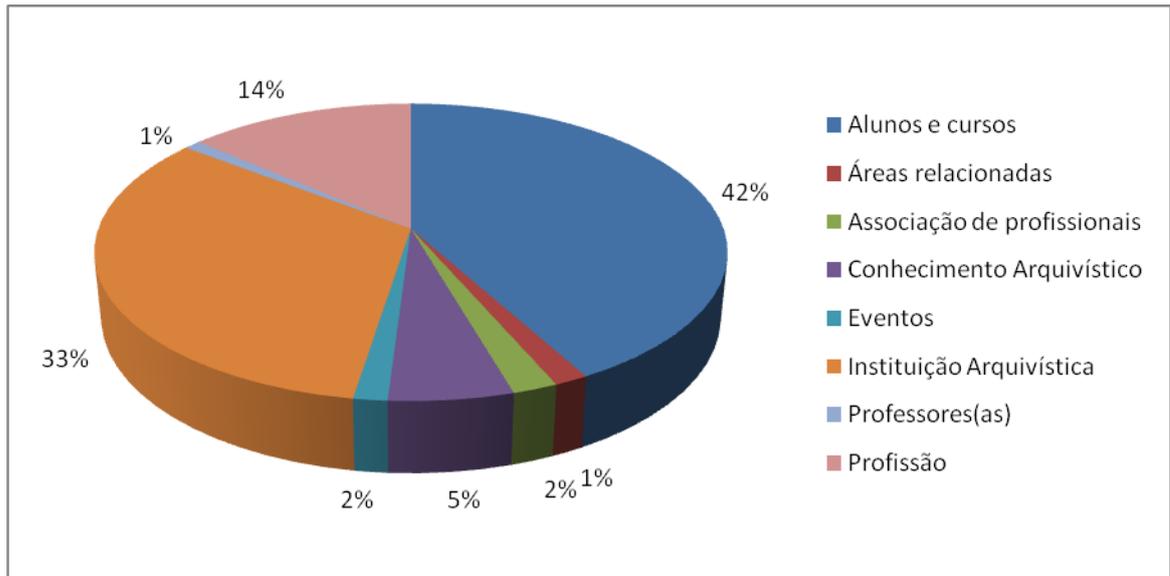
- j) História e Ciências
- k) Hobbies e Trabalhos Manuais
- l) Negócios
- m) Outros
- n) Pessoas
- o) Religiões e Crenças
- p) Saúde, Bem-estar e Fitness
- q) Viagens

As categorias determinadas pelos criadores das comunidades não atenderam as especificidades desta pesquisa, então, cada comunidade foi analisada através de seu nome e de sua descrição com o intuito de identificar o assunto ou foco principal da comunidade. Assim, criou-se uma nova categorização para as comunidades pesquisadas, a qual é relacionada abaixo:

- a) Alunos e cursos
- b) Áreas relacionadas
- c) Associação de profissionais
- d) Conhecimento Arquivístico
- e) Eventos
- f) Instituição Arquivística
- g) Professor(a)
- h) Profissão.

A partir dessa nova categorização, e conforme os critérios estabelecidos para amostragem anteriormente, fez-se uma amostra de comunidades que serão objetos da análise de conversação, a qual se encontra no Apêndice A, com suas principais informações.

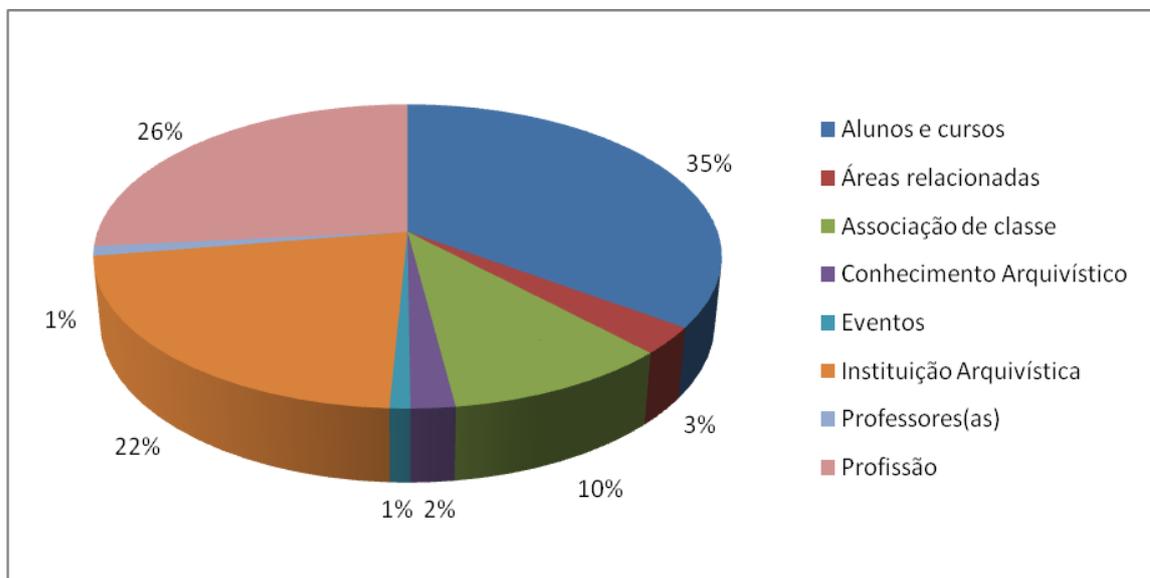
A maioria das comunidades pesquisada pertence à categoria Alunos e Cursos (42%), seguida pelas categorias Instituição Arquivística (33%) e Profissão (13,5%). Esse fato pode estar relacionado ao fato de que o maior número de usuários do Orkut são jovens (conforme já mencionado, 57,02% dos usuários cadastrados tem entre 18 e 25 anos). Na Figura 4, podemos visualizar o percentual de comunidades existentes em cada uma das categorias listadas.



**FIGURA 4 – GRÁFICO DE CATEGORIAS DE COMUNIDADES DO ORKUT**

Fonte: dados da pesquisa (2009).

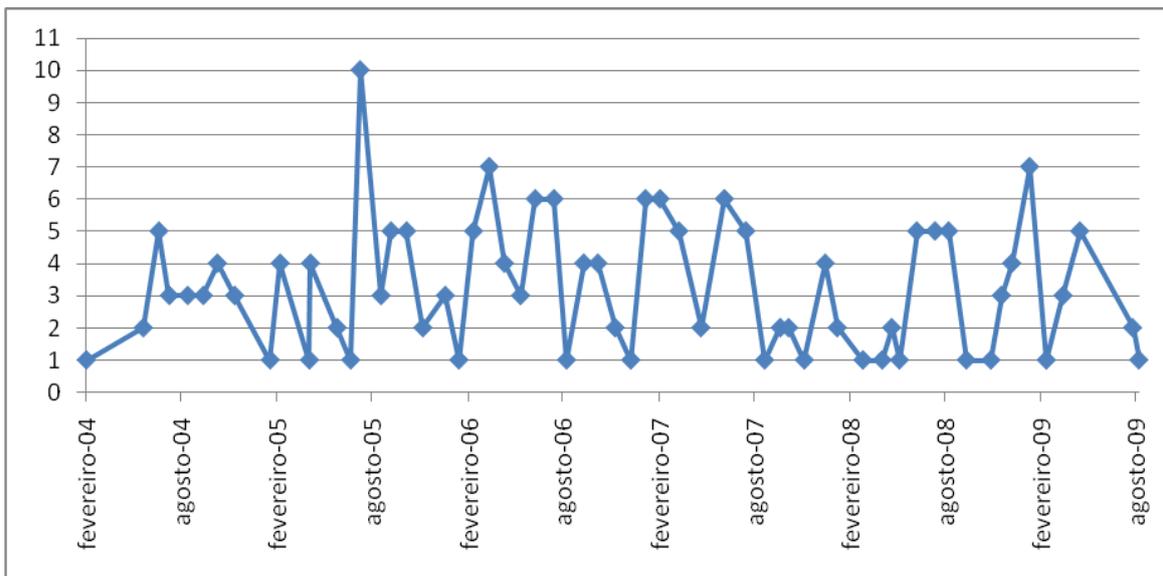
Com o número de membros de cada comunidade pode-se calcular a concentração de participações em cada categoria de comunidades estabelecida. Percebe-se que as comunidades da categoria Alunos e Cursos, além de serem o maior número de comunidade, têm o maior número de participações (35%), conforme ilustrado na Figura 5. As comunidades das categorias Eventos e Professores(as) têm, cada uma, apenas 1% do número total de participações nas comunidades observadas.



**FIGURA 5 – GRÁFICO DE CONCENTRAÇÃO DO NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES NAS COMUNIDADES DO ORKUT**

Fonte: dados da pesquisa (2009).

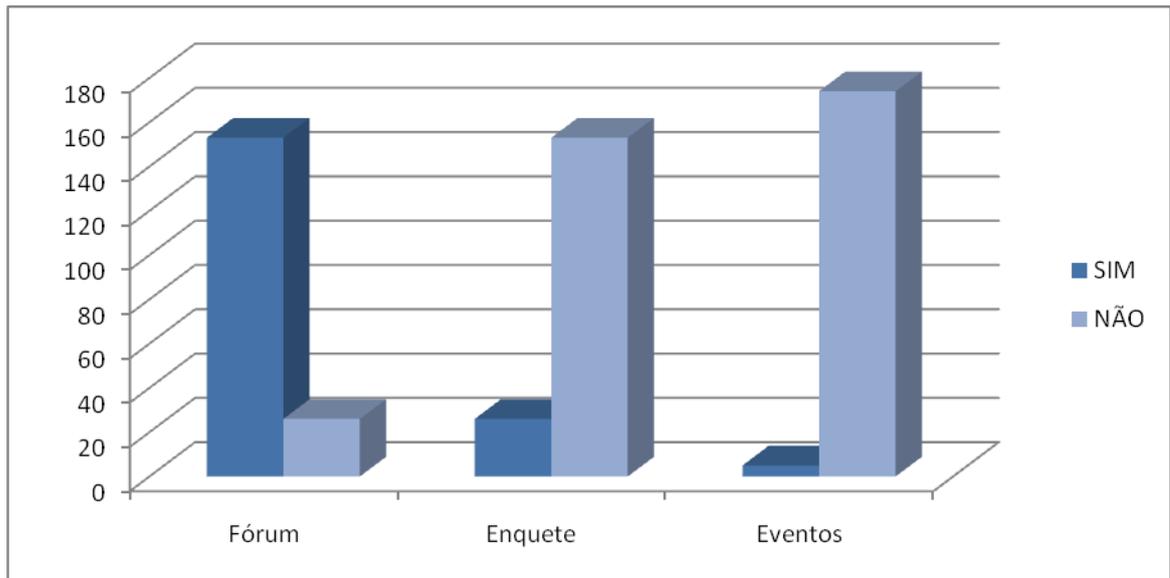
Também se analisaram as comunidades observadas em função da sua data de criação. Na Figura 6, apresenta-se, em forma de gráfico, o histórico das datas de criação das comunidades. Cada ponto indica a quantidade de comunidade criadas em um determinado mês. Pode-se notar um número médio de três comunidades criadas por mês, desde o surgimento do site Orkut. A moda, ou a quantia de criação de comunidades que ocorreu com mais frequência, foi de uma comunidade por mês, com pontos mais elevados de sete comunidades criadas nos meses de abril de 2006 e fevereiro de 2009 e dez comunidades criadas no mês de agosto de 2005. Não foi possível relacionar essas elevações a nenhum fato relacionado à área arquivística.



**FIGURA 6 – GRÁFICO DE NÚMERO DE CRIAÇÃO DAS COMUNIDADES DO ORKUT**

Fonte: dados da pesquisa (2009).

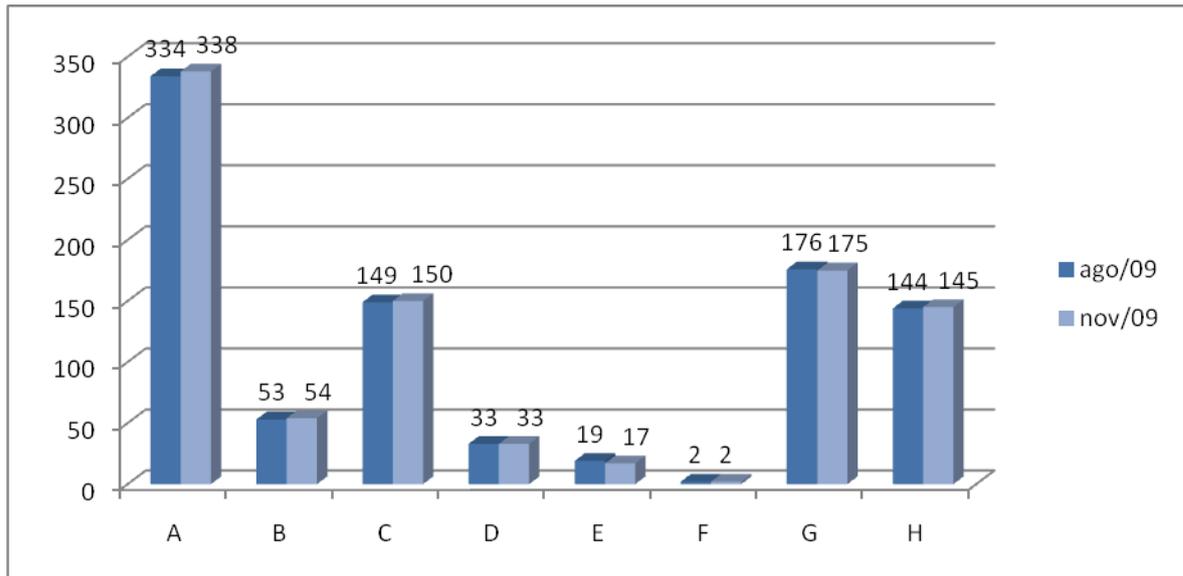
Analisando os recursos disponíveis nas comunidades observadas, verificou-se que o recurso mais utilizado é o Fórum de discussão, com 76,88% de adesão. O menos utilizado é o recurso Eventos, utilizado em apenas 2,51% das comunidades, conforme vemos na Figura 7. Cada par de colunas representa um tipo de recurso; a coluna mais escura indica a quantidade de comunidades que utilizam o recurso e a coluna mais clara indica a quantidade de comunidades que não o utiliza. Com relação à quantia de comunidades a utilizarem determinados recursos, não puderam ser incluídas nos dados quantificados, 20 (vinte) comunidades que mantêm seus recursos visíveis apenas para seus membros. Possivelmente, as referidas comunidades utilizam esses recursos, mas como não foi possível confirmar tal fato, tais comunidades não puderam ser contabilizadas.



**FIGURA 7 – GRÁFICO DA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS NAS COMUNIDADES DO ORKUT**

Fonte: dados da pesquisa (2009).

Também se verificou qual a variação do número de participações de membros nas comunidades observadas entre o início e o término da pesquisa. Identificou-se um aumento, entre agosto e novembro de 2009, nas 200 comunidades observadas, de 1,32% no número de participações. Na amostra de comunidades selecionadas, o aumento foi de apenas 0,44%: assim, de um total de 910 participações existentes em agosto de 2009, passou-se a 914 participações em novembro de 2009, conforme ilustrado na Figura 8. Cada par de colunas do gráfico representa uma comunidade da amostra apresentada no Apêndice A. No gráfico, os nomes das comunidades foram substituídos por letras por uma questão de espaço físico, para evitar a distorção do layout do gráfico. Assim, observou-se que a taxa de crescimento do número de participações é baixa, bem como a taxa de participação nas interações dos fóruns, se levarmos em conta a quantidade de membros de cada comunidade.



**FIGURA 8 – GRÁFICO DE VARIAÇÃO DO NÚMERO DE MEMBROS DE CADA COMUNIDADE DA AMOSTRA**

Fonte: dados da pesquisa (2009).

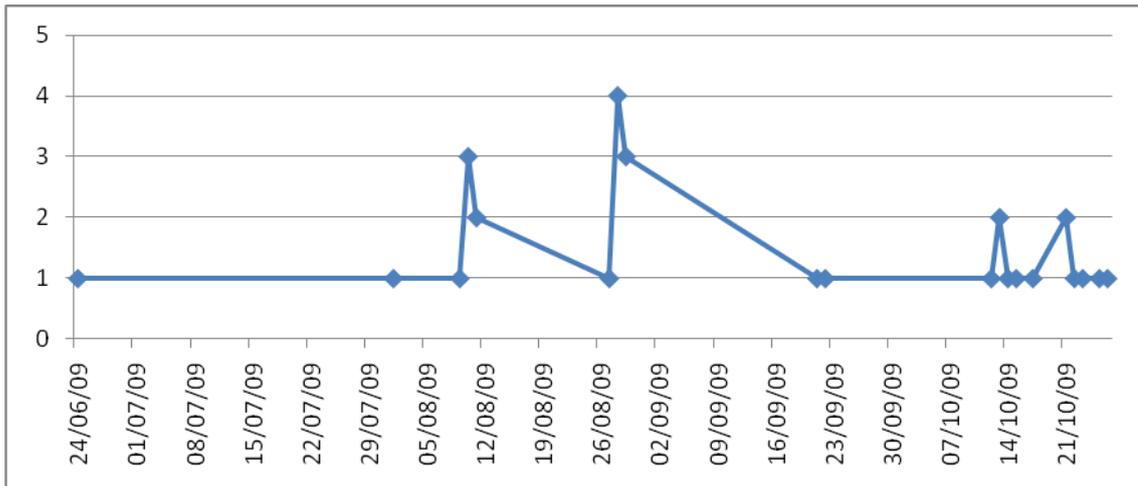
Legenda: A) Alunos e cursos; B) Áreas relacionadas; C) Associação de profissionais; D) Conhecimento Arquivístico; E) Eventos; F) Instituição Arquivística; G) Professor (a); H) Profissão.

## 6.2 SINARQUIVO

O Sinarquivo consiste em um site de rede social criado especialmente para arquivistas, técnicos de arquivo e estudantes de Arquivologia. Atualmente, estão cadastrados no site 681 membros.

A partir da observação realizada no site, constatou-se a existência de ferramentas de comunicação mediada por computador, tanto do tipo síncrona, que é o bate-papo ou chat, como do tipo assíncrona, que são o fórum, os grupos e o blog, e que deixaram na rede seus registros.

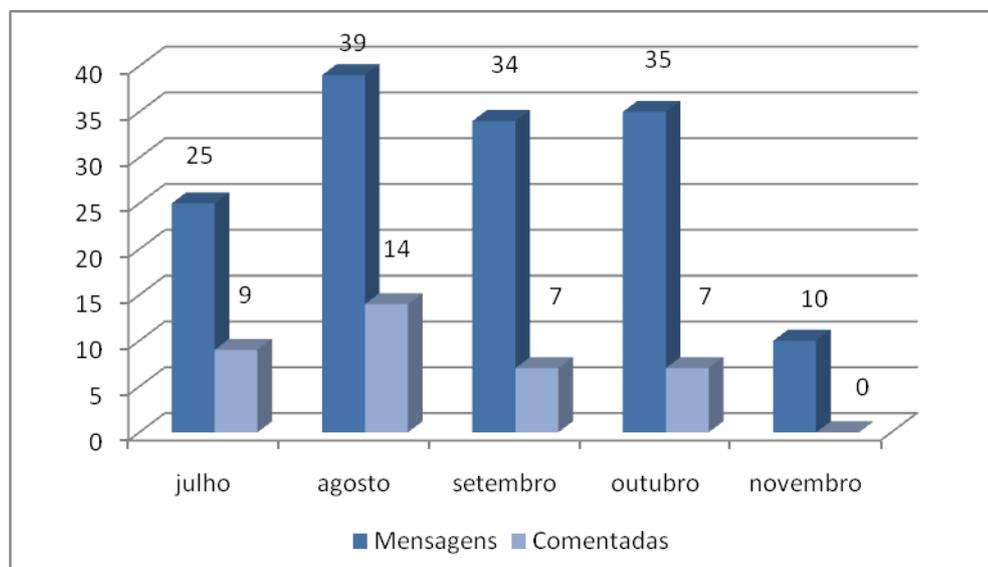
O fórum de discussão apresenta dois tipos de tópicos: *funcionamento da rede e geral* e tem baixa participação, conforme pode ser ilustrado na Figura 9, através de um gráfico da participação ao longo do tempo. Cada ponto na linha do gráfico indica o número de participações em uma determinada data. Identificaram-se seis tópicos e trinta e um colaboradores ou participantes das discussões. Neste caso, menos de 5% do número total de membros já participou do fórum de discussão na rede.



**FIGURA 9 – GRÁFICO DO NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES NO FÓRUM SINARQUIVO**

Fonte: dados da pesquisa (2009).

O blog existente da rede social Sinarquivo, até o término da coleta de dados, continha 143 mensagens. Após o envio da mensagem, é possível que os demais usuários comentem-na a fim de criar discussões e trazer opiniões sobre o assunto. Pode-se perceber, através da Figura 10, que menos de 50% das mensagens do blog da rede Sinarquivo recebem comentários. Nesse gráfico, cada par de colunas indica a quantidade de mensagens enviadas por mês (coluna escura) e a quantidade de mensagens que receberam algum comentário (coluna clara).



**FIGURA 10 – GRÁFICO DE MENSAGENS E COMENTÁRIOS NO BLOG SINARQUIVO**

Fonte: dados da pesquisa (2009).

Outra ferramenta observada na rede social Sinarquivo foi o espaço de criação de

grupos. A forma de criação de um grupo nessa rede é muito semelhante à forma de criação de uma comunidade no Orkut. É necessário definir o nome do grupo, escolher uma imagem de exibição para identificá-lo e escrever uma breve descrição a seu respeito. Diferente do Orkut, o criador do grupo no Sinarquivo pode definir qual será o endereço eletrônico do grupo dentro do site. Também há um espaço para colocar um link, caso o grupo já tenha um site fora da rede e informar o local ou cidade no qual o grupo está baseado.

Os recursos que podem ser ativados para cada grupo são: comentários, fórum de discussão, caixa para texto e leitor RSS. É necessário determinar também o tipo de privacidade do grupo: se esse será aberto a participação de qualquer pessoa ou se será moderado. A última opção que pode ser ativada é a permissão para que os membros possam enviar mensagens a todo o grupo.

Nesse recurso foram observados 11 grupos, aos quais aplicou-se a mesma categorização definida para as comunidades do Orkut. Os grupos foram então divididos nas categorias Alunos e Cursos (5 grupos), Associação de profissionais (5 grupos) e Profissão (1 grupo), conforme análise do nome do grupo e sua descrição.

O número total de participações de membros do Sinarquivo nos grupos teve um aumento de pouco mais de 15% entre o início e o término da coleta de dados. Na Figura 11, cada grupo observado é identificado por um par de colunas e um número que serve apenas para diferenciá-los. Nota-se que, enquanto no Orkut algumas comunidades tiveram uma redução no número de participações, no Sinarquivo, os grupos mantiveram o mesmo número de participantes ou aumentaram.

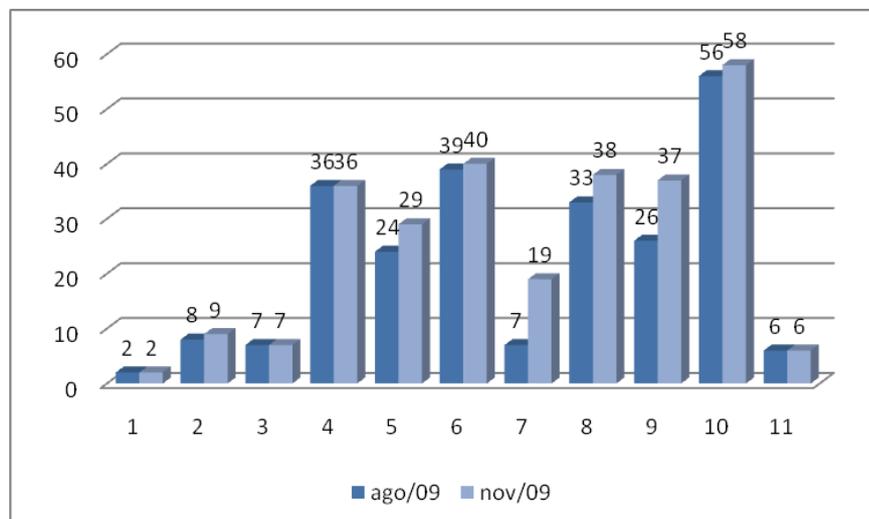
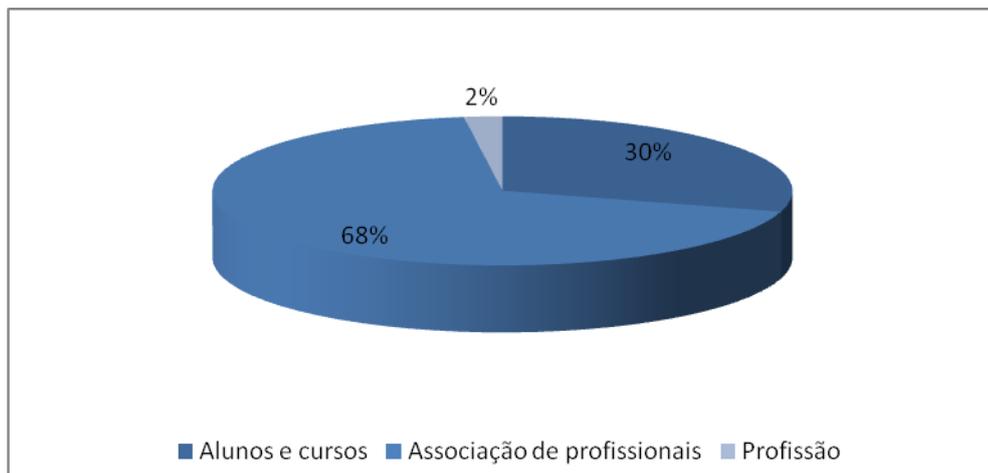


FIGURA 11 – GRÁFICO DE VARIAÇÃO DO NÚMERO DE MEMBROS DE CADA GRUPO DO SINARQUIVO

Fonte: dados da pesquisa (2009).

Com relação ao número de participantes de cada grupo e às categorias em que os grupos se enquadram, a categoria que tem um número maior de participações é a categoria Associações de profissionais, conforme ilustrado na Figura 12. Esse fato justifica-se principalmente pela finalidade da rede social Sinarquivo, que foi fundada por iniciativa de Associações de arquivistas.



**FIGURA 12 – GRÁFICO DE CONCENTRAÇÃO DO NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES NOS GRUPOS DO SINARQUIVO**

Fonte: dados da pesquisa (2009).

### 6.3 ANÁLISE DE INTERAÇÃO E CONVERSAÇÃO NA AMOSTRA SELECIONADA

Com base na metodologia estabelecida e no desenvolvimento teórico deste trabalho, nesse capítulo, apresentaremos a análise da conversação na amostra selecionada, que está detalhada no Apêndice A. A amostra contém 10 comunidades do Orkut (5% do número total de comunidades observadas) e 1 grupo do Sinarquivo (9% do número total de grupos observados). A observação dessas comunidades consistiu em abrir e ler cada tópico do fórum de discussão e preencher um quadro para cada tópico, de acordo com o modelo apresentado no Apêndice B.

Foi possível identificar, na amostra observada, a existência dos dois tipos de interação sugeridos por Primo (2000): a *interação mútua* e a *interação reativa*. Nos seguintes fatos:

- a) interação mútua: participação no fórum de discussão da comunidade,

através da criação de novos tópicos ou respondendo os tópicos criados por outros membros;

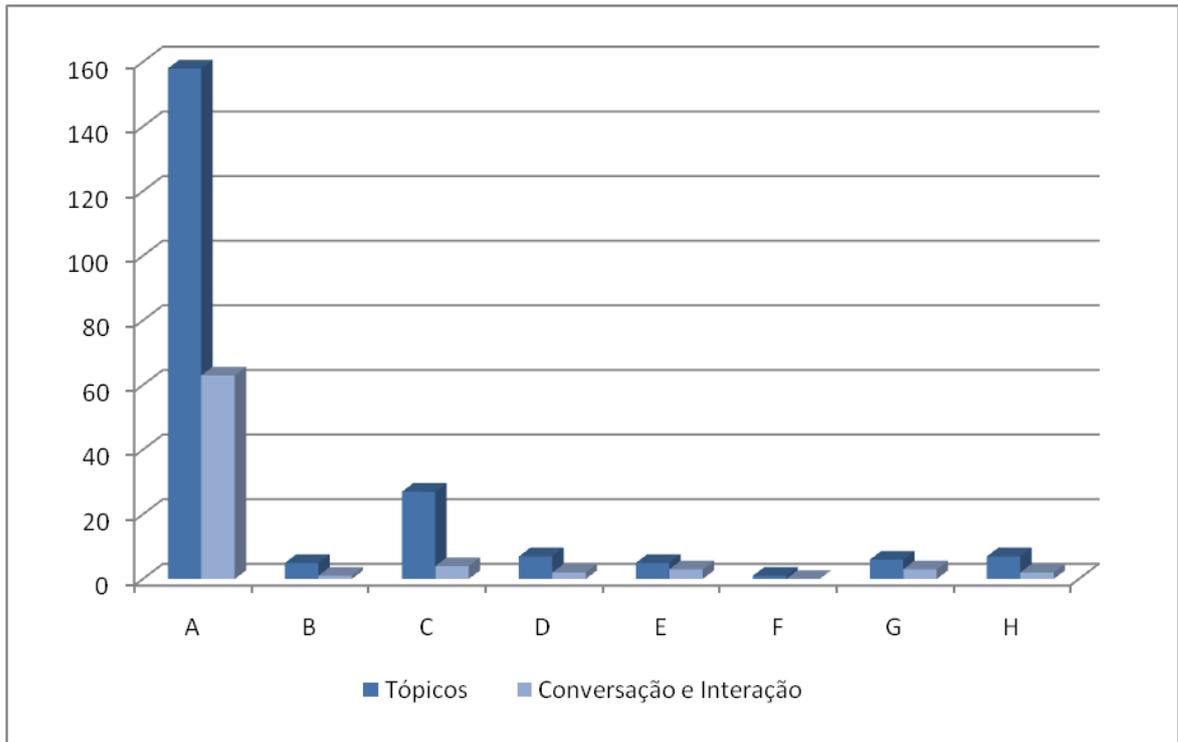
- b) interação reativa: participar da comunidade; para participar de qualquer comunidade basta que o usuário clique no link “participar”, localizado abaixo da imagem da comunidade no Orkut, ou ao lado do nome do grupo no Sinarquivo. Quando a comunidade ou grupo é do tipo moderado, a interação entre o moderador e a pessoa que quer participar da comunidade ou grupo, também é do tipo reativa.

Caso fosse necessário quantificar a interação reativa e a interação mútua, diríamos que a primeira equivale ao número de participações em cada comunidade e a segunda equivale ao número de tópicos criados ou respondidos dentro da comunidade.

Na amostra, a maior parte das interações existentes é do tipo reativa, ou seja, a maioria dos membros das comunidades não se comunica ou interage através dos fóruns de discussão. Na comunidade “Arquivo Histórico Ultramarino”, da categoria Instituição Arquivística, com apenas 2 membros, não há interação mútua, uma vez que o único tópico do fórum de discussão, aberto em 25 de junho de 2009 pelo dono da comunidade, não foi respondido pelo outro participante.

A comunidade do Orkut que apresenta maior nível de interação mútua é a comunidade “Arquivologia UEPB”, da categoria Alunos e cursos, formada por alunos do Curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba. Nessa comunidade já foram abertos 158 tópicos, dos quais consideramos que houve conversação propriamente dita em 63 deles. A conversação propriamente dita caracteriza-se pela ocorrência dos seguintes itens, baseado em Marcuschi (1997): *interação entre dois ou mais atores, troca de falantes, par conversacional e interação centrada*.

Na Figura 13, procuramos ilustrar a quantidade de tópicos abertos nas comunidades da amostra selecionada do site Orkut e a quantidade de tópicos nos quais identificou-se existir a conversação propriamente dita entre os membros. Cada par de colunas representa uma comunidade: a coluna mais escura representa o número total de tópicos existentes e a coluna mais clara representa o número de tópicos onde há a conversação propriamente dita. Os dados para essa quantificação foram coletados com o auxílio do quadro apresentado no Apêndice B – Quadro para coleta de dados.



**FIGURA 13 – GRÁFICO DE NÚMERO DE TÓPICOS E CONVERSÇÃO E INFORMAÇÃO NA AMOSTRA DE COMUNIDADES DO ORKUT**

Fonte: dados da pesquisa (2009).

Legenda: A) Alunos e cursos; B) Áreas relacionadas; C) Associação de profissionais; D) Conhecimento Arquivístico; E) Eventos; F) Instituição Arquivística; G) Professor (a); H) Profissão.

A comunidade do site Orkut onde ocorre mais comunicação e interação entre as comunidades selecionadas é na comunidade que representa a categoria Alunos e cursos. Tal fato confirma que são os jovens que mais utilizam o site.

Apesar de ser possível a comunicação síncrona (REID, 1991<sup>44</sup> *apud* RECUERO, 2008b), em ambos os sites, nenhuma ocorrência desse tipo de comunicação foi encontrada na amostra observada. Todos os fóruns de discussão observados apresentam apenas comunicação mediada por computador do tipo assíncrona, ou seja, ocorridas em diferentes identidades temporais.

Procuramos identificar também a ocorrência de cooperação, competição ou conflito nos fóruns de discussão das comunidades da amostra selecionada. Não identificamos exemplos de competição ou de conflito nas referidas comunidades. Um exemplo de tópico de cooperação está reproduzido aqui exatamente como estava disponível no site Orkut:

**Autor:** Membro da comunidade “ABARQ (Arquivologia)”

**Tópico:** Seleção para Estágio

<sup>44</sup> REID, E. *Electropolis: Communication and Community on Internet Relay Chat*. Honors Thesis. University of Melbourne, 1991. *apud* RECUERO (2008b).

**Texto do tópicos:** “Estou elecionando currículos para estágio em atividades arquivísticas no XXXXX! São Quatro vagas, carga horária de 4 horas e bolsa estágio de R\$ 700,00 Se souber de alguém manda me ligar no XXXX-XXXX, das 13h às 19h ! Abraços”.

Com relação à tipologia sugerida por Henri e Pudelko (2003) e complementada por Szabó e Silva (2007), acreditamos que as comunidades e grupos da amostra observada caracterizam-se da forma como apresentamos a seguir:

- a) comunidades de interesse: “Paleografia e Codicologia” (Áreas relacionadas); “Uma tal de Arquivologia” (Conhecimento arquivístico); “Professor Franklin Leal” (Professores(as));
- b) comunidades de interesses orientadas a objetivos: “I Fórum Paraibano de Arquivologia” (Eventos);
- c) comunidades educacionais: “Arquivologia UEPB” (Alunos e cursos);
- d) comunidade de prática: “ABARQ (Arquivologia)” (Associação profissional); “Arquivo Histórico Ultramarino” (Instituição Arquivística); “Arquivologia... arqui... o quê?” (Profissão); “Secretaria de Relações Internacionais” (Associação profissional).

A comunidade “Uma tal de Arquivologia” (Conhecimento arquivístico), apesar de identificada como uma comunidade virtual de interesse, é uma das comunidades observadas que possui grande potencial para evoluir a uma comunidade virtual de conhecimento.

A comunidade “I Fórum Paraibano de Arquivologia” (Eventos) tinha o intuito de divulgar a realização do evento a que se refere. Seus membros não foram escolhidos por suas competências, mas decidiram entrar na comunidade por que participariam do evento. Essa comunidade também não atendia à necessidade de coordenação de atividades e não teve força de continuar após a realização do evento.

Note-se que a comunidade “Arquivologia UEPB” (Alunos e cursos) não é orientada por um professor, nem está vinculada aos objetivos de alguma disciplina, mas consideramos que ela é uma comunidade educacional por que seus membros são alunos de um mesmo curso de graduação e a comunidade tem grande potencial para evoluir para uma comunidade de prática.

As comunidades de prática foram assim identificadas, principalmente, por seu foco relacionar-se à profissão arquivística, seja por meio das Associações profissionais, pelo desenvolvimento de atividades laborais em Instituições Arquivísticas ou ainda pela discussão da profissão de arquivista, como é o caso da comunidade “Arquivologia... arqui... o quê?” (Profissão), que defende que sempre deve ser explicado a quem quer que seja, o que é a

Arquivologia e qual seu objeto de trabalho.

## 7 CONSIDERAÇÕES

Nesse trabalho, procuramos estudar as interações estabelecidas pela comunidade arquivística nos sites de redes sociais Orkut e Sinarquivo. Iniciamos a pesquisa através da revisão de bibliografia, oriunda principalmente da Sociologia, que não pôde ser exaustiva, já que não havia tempo suficiente para tal feito. Diversos conceitos foram pesquisados, tais como: grupo social, rede social, comunidade e sociedade a partir dos estudos desenvolvidos por Ferdinand Tönnies e Max Weber, cibercultura e, por fim, conceitos relacionados às redes sociais na internet, que teve como principal fundamentação teórica, o trabalho de Recuero (2009b), pioneira no Brasil no estudo de tipologias em sites de redes sociais que privilegiam a comunicação mediada por computador.

Essa pesquisa não traz novos conceitos ou mesmo conclusões sobre o tema estudado, mas sim uma visão do tema em um determinado espaço de tempo. Qualquer outra pesquisa que possa ser realizada em moldes semelhantes ao utilizado trará novas considerações e novos pontos de vista sobre a interação da comunidade arquivística brasileira presente no Orkut, no Sinarquivo ou em outros lugares do ciberespaço.

Neste trabalho, ao unir algumas disciplinas, tivemos a intenção de demonstrar que a Arquivologia dispõe de inúmeras possibilidades de difusão através da internet e das redes sociais que podem ser criadas. Não tivemos a intenção de indicar que o Orkut ou a plataforma Ning sejam as ferramentas mais indicadas para isso. Mas, sim, considerar a possibilidade de que o ciberespaço seja o lugar ou o não-lugar cada vez mais propício para a difusão de informações e de conhecimento.

As discussões envolvendo a utilização das novas tecnologias em arquivos já se encontram em nível bastante avançado e a Arquivologia já dispõe de trabalhos muito importantes sobre os documentos eletrônicos, sua produção, gerenciamento e preservação física. Ao integrar novos suportes e novas ferramentas de trabalho à sua dinâmica, como a internet, a Arquivologia torna possível novas formas de construção e disseminação do conhecimento.

Seria de imenso valor, se possível fosse, a análise de um número maior de comunidades e grupos virtuais a fim de identificar a existência ou não de padrões de comunicação existentes nesse meio. Não houve a possibilidade de fazê-lo devido ao cronograma de realização deste trabalho e às próprias delimitações necessárias para a realização dessa pesquisa. Fica aqui registrado, então, o desejo de darmos continuidade ao

desenvolvimento deste tema em outro momento, vindo a incluir também a observação de outros recursos e ferramentas do ciberespaço utilizadas pela comunidade arquivística, que possam potencializar a criação de laços sociais, como sites de instituições arquivísticas, weblogs e microblogs.

Consideramos que foi possível identificar a presença da Arquivologia nos dois sites observados. Essa presença se dá através da utilização dos recursos disponibilizados pelos próprios sites com o intuito de criar relações entre os membros dos grupos e comunidades, principalmente através da troca de mensagens e de discussões. Identificamos a existência de comunicação e interação entre estudantes, pesquisadores e arquivistas nos dois sites, porém em um nível considerado baixo e que deve ser melhorado se for de interesse desses membros. Também foi possível apresentar alguns dados e relações quantitativas a partir da coleta de dados realizada, dos quais pudemos analisar diversas informações.

Acreditamos que existe a possibilidade de que as comunidades observadas, com exceção da comunidade “I Fórum Paraibano de Arquivologia” (Eventos), que parece ter sido abandonada, evoluam para o nível de comunidades virtuais de conhecimento proposto por Szabó e Silva (2007), através dos ambientes observados (Orkut e Sinarquivo) ou em outros ambientes da internet. Para que isso ocorra, entretanto, será necessário que os membros dessas comunidades ou grupos invistam muito mais em interações mútuas. Ao evoluir para uma comunidade virtual do conhecimento, a comunidade estaria mais próxima da idéia de uma inteligência coletiva arquivística.

Através dos sites de redes sociais observados identificamos a possibilidade de que sejam utilizados de diversas maneiras. Os estudantes de Arquivologia podem utilizar esses sites para conhecer e manter contato com os estudantes de outros cursos de Arquivologia do Brasil e do mundo, trocar experiências com outros estudantes e criar e participar de discussões a respeito do curso em si e de questões afins.

Os docentes da área também podem construir e utilizar seus perfis em sites de redes sociais como forma de manter contato com docentes de outros Estados e países, com ênfase na troca de experiências e nas discussões científicas. Além disso, os professores podem criar as denominadas “comunidades educacionais” para o desenvolvimento de programas educativos ou disciplinas no meio virtual. Nesse caso, os professores terão que lembrar os alunos para qual fim tais ferramentas serão utilizadas.

Além das formas sugeridas acima, os arquivistas também podem utilizar seus perfis nos referidos sites para a criação e desenvolvimento de comunidades de prática, espaços nos quais possam realizar a troca de experiências e aprendizados e a discussão das

teorias arquivísticas, sejam elas já estabelecidas na área ou que ainda sejam incipientes. As Associações de Arquivistas poderão utilizar perfis em redes sociais da mesma forma.

As instituições arquivísticas também podem criar perfis nas redes sociais da internet com o objetivo de promover e divulgar a instituição. Nesse perfil seriam disponibilizadas as principais informações da instituição: localização e funcionamento, exigências para o ingresso na instituição, como realizar uma pesquisa, alguns dados sobre a sua organização interna e sobre os serviços oferecidos; e ser inserido um link para o site oficial da instituição arquivística, caso exista, e também para os instrumentos de pesquisa existentes e disponíveis ao usuário. Esses perfis poderão servir como uma ação de difusão em arquivos e como meio de atrair e orientar usuários.

Nossa maior consideração sobre a pesquisa desenvolvida é a respeito do uso que se faz dos meios de trabalho, sejam eles em suporte papel ou em suporte eletrônico. Somente a utilização consciente das ferramentas que existem na internet poderá contribuir para o desenvolvimento e consolidação de qualquer comunidade virtual e da inteligência coletiva que ela queira construir.

## REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BOTH, Elizabeth. **Família e rede social**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Países@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/>>. Acesso em: 18 mai. 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v. 1)

COOK, Michael. Desenvolvimento na Descrição Arquivística. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 20, n.1-2, p. 125-132, jan./dez. 2007.

COSTA, Rogério da. **A cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 2002. (Folha explica)

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DABAS, Elina Nora. **Red de redes: las practicas de la intervención en rede sociales**. Bueno Aires, Paidós, 2001.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2003.

FUGUERAS, Ramon Alberch. et al. **Archivos y cultura: manual de dinamización**. Gijón: Trea, 2001.

\_\_\_\_\_. **Los archivos, entre la memoria histórica y la sociedad del conocimiento**. Barcelona: UOC, 2003.

G1 (Brasil). **Internet ganha primeiro censo de sites em 25 anos.** Publicado em: 16-10-2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL150660-6174,00.html>>. Acesso em: 18 mai. 2009.

\_\_\_\_\_. **Número de usuários de computador vai dobrar até 2012, diz Dell.** Publicado em: 09-11-2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL175349-6174,00.html>>. Acesso em: 18 mai. 2009.

\_\_\_\_\_. **Registro de endereços na internet desacelera em todo o mundo.** Publicado em: 27-12-2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL936650-6174,00.html>>. Acesso em: 18 mai. 2009.

GALLIANO, Alfredo Guilherme. **Introdução à Sociologia.** São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

GOOGLE BRASIL (Brasil). **Liberdade e responsabilidade na internet.** Publicado em: 16-07-2008. Disponível em: <<http://googlebrasilblog.blogspot.com/2008/07/liberdade-e-responsabilidade-na.html>>. Acesso em: 18 mai. 2009.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

INTERLIGAR mundos de conhecimento. **Deutschland**, Frankfurt, n. 4, p. 42-45, ago./set. 2009.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva.** Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** São Paulo: 34, 1999.

\_\_\_\_\_. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco M; SILVA, Juremir M. (Org.). **Para navegar no século XXI:** tecnologias do imaginário e da cultura. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 1999. P. 195-216.

\_\_\_\_\_. Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura. In.: LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociais, cultura y poder**. Ensayos de antropología latinoamericana. (México): FLACSO, 2001.

LOPES, Luis Carlos. A arquivística e a informática: novos desafios e velhos problemas. In: **A informação: questões e problemas**. Niterói: EDUFF, 1995.

LUZ, Charley. **Sobre o Arquivista 2.0**. Disponível em:  
<<http://arquivistadoisponzero.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 16/11/2009.

MANCE, Euclides André. **A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4.ed.rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da conversação**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2009.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é Sociologia**. 26.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MENÉNDEZ, Luis Sanz. Análisis de Redes Sociales: o como representar las estructuras sociales subyacentes. **Apuntes de Ciencia y Tecnología**, n. 7, p. 21-29, jun. 2003. Disponível em: <[www.ipp.csic.es/doctrab2/dt-0307.pdf](http://www.ipp.csic.es/doctrab2/dt-0307.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2009.

MOLINA, José Luis. La ciencia de las redes. **Apuntes de Ciencia y Tecnología**, n. 11, p. 36-42, jun. 2004. Disponível em:  
<[http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/public\\_archivos/ciencia.pdf](http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/public_archivos/ciencia.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2009.

PENENBERG, Adam L. O viral loop da Ning. **HSM Management**, São Paulo, v. 12, n. 71, nov./dez. 2008. Disponível em:  
<[br.hsmglobal.com/adjuntos/14/documentos/000/062/0000062159.pdf](http://br.hsmglobal.com/adjuntos/14/documentos/000/062/0000062159.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2009.

PEREZ, Carlos Blaya. Difusão dos arquivos fotográficos. **Caderno de Arquivologia**, Santa Maria, n. 2, p. 7-22, 2005.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

RECUERO, Raquel da Cunha. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. In: Simpósio da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), 2, 2008, São Paulo. **Anais**. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/wiki/doku.php?id=redessociais>>. Acesso em: 15 mai. 2009.

\_\_\_\_\_. Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador. **Verso e Reverso**: revista da comunicação, São Leopoldo, v. 22, n. 51, dez. 2008. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=15&s=9&a=125>>. Acesso em: 07 nov. 2009.

\_\_\_\_\_. **raquelrecuero**. Disponível em: <<http://twitter.com/raquelrecuero>>. Acesso em: 24 jun. 2009

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRÍGUEZ, Antonio Ángel Ruiz. **Manual de archivística**. Madrid: Sintesis, c1995.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SCHWARZELMÜLLER, Anna Friedericka; CARVALHO, Kátia de. Disseminação de informação no trabalho colaborativo. In: SILVA, Helena Pereira; JAMBEIRO, Othon. In: **Socializando informações: reduzindo distâncias**. Salvador: EDUFBA, 2003

SILVA, Sérgio Conde de Albite. Ciência e tecnologia na preservação da informação. Um desafio político. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-70, jul./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. A formação em Arquivologia: conhecimento desafiando estudantes e professores. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v.2, n. 1, p. 22-33, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.arquivistica.net/ojs/viewarticle.php?id=70&layout=abstract>>. Acesso em: 16 mai. 2007.

SLUZKI, Carlos E. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SPECK, Ross V.; ATTNEAVE, Carolyn L. **Redes familiares**. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

SZABO, Inacio; SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. Uma revisão da classificação de comunidades virtuais proposta por Henri e Pudelko. **Informação & Sociedade: estudos**. João Pessoa, PB. Vol. 17, n. 3, p. 59-68, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/835/1586>>. Acesso em: 29 set. 2009.

UGARTE, David de. **Breve Historia del análisis de redes sociales** (2007). Disponível em: <[http://www.deugarte.com/gomi/historia\\_del\\_analisis\\_de\\_redes\\_sociales.pdf](http://www.deugarte.com/gomi/historia_del_analisis_de_redes_sociales.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2009.

\_\_\_\_\_. **O poder das redes: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VILLASANTE, Tomás R. **Redes e alternativas: estratégias e estilos criativos na complexidade social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

**APÊNDICE A – QUADROS DAS COMUNIDADES SELECIONADAS PARA A AMOSTRA**

Categoria	Alunos e cursos
Nome da comunidade	Arquivologia UEPB
Endereço	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=16493251">http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=16493251</a>
Data de criação	05/07/2006
Existe fórum?	Sim
Quantidade de tópicos no fórum	159
Data de última postagem no fórum	09/11/2009
Existe enquete?	Sim
Quantidade de enquetes abertas	4
Quantidade de enquetes fechadas	1
Existem eventos?	Sim
Quantidade de eventos	2
Quantidade atual de membros	338
Quantidade inicial de membros	334
Categoria do Orkut	Alunos e Escolas
Local	Brasil

Categoria	Áreas relacionadas
Nome da comunidade	Paleografia e Codicologia
Endereço	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=30453420">http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=30453420</a>
Data de criação	08/04/2007
Existe fórum?	Sim
Quantidade de tópicos no fórum	7
Data de última postagem no fórum	03/10/2009
Existe enquete?	Não
Quantidade de enquetes abertas	0
Quantidade de enquetes fechadas	0
Existem eventos?	Não
Quantidade de eventos	0
Quantidade atual de membros	54
Quantidade inicial de membros	53
Categoria do Orkut	Alunos e Escolas
Local	Brasil

Categoria	Associação de profissionais
Nome da comunidade	ABARQ (Arquivologia)
Endereço	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=1036426">http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=1036426</a>
Data de criação	30/12/2004
Existe fórum?	Sim
Quantidade de tópicos no fórum	27
Data de última postagem no fórum	14/04/2009
Existe enquete?	Não
Quantidade de enquetes abertas	0
Quantidade de enquetes fechadas	0
Existem eventos?	Não
Quantidade de eventos	0
Quantidade atual de membros	150
Quantidade inicial de membros	149
Categoria do Orkut	Culturas e comunidades
Local	Brasil

Categoria	Conhecimento Arquivístico
Nome da comunidade	Uma tal de Arquivologia
Endereço	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=79357601">http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=79357601</a>
Data de criação	26/12/2008
Existe fórum?	Sim
Quantidade de tópicos no fórum	7
Data de última postagem no fórum	28/05/2009
Existe enquete?	Não
Quantidade de enquetes abertas	0
Quantidade de enquetes fechadas	0
Existem eventos?	Não
Quantidade de eventos	0
Quantidade atual de membros	33
Quantidade inicial de membros	33
Categoria do Orkut	Escolas e Cursos
Local	Brasil

Categoria	Eventos
Nome da comunidade	I Fórum Paraibano de Arquivologia
Endereço	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=36219639">http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=36219639</a>
Data de criação	20/07/2007
Existe fórum?	Sim
Quantidade de tópicos no fórum	5
Data de última postagem no fórum	02/11/2008
Existe enquete?	Não
Quantidade de enquetes abertas	0
Quantidade de enquetes fechadas	0
Existem eventos?	Não
Quantidade de eventos	0
Quantidade atual de membros	17
Quantidade inicial de membros	19
Categoria do Orkut	Escolas e Cursos
Local	Brasil

Categoria	Instituição Arquivística
Nome da comunidade	Arquivo Histórico Ultramarino
Endereço	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=87445269">http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=87445269</a>
Data de criação	08/04/2007
Existe fórum?	Sim
Quantidade de tópicos no fórum	1
Data de última postagem no fórum	25/06/2009
Existe enquete?	Não
Quantidade de enquetes abertas	0
Quantidade de enquetes fechadas	0
Existem eventos?	Não
Quantidade de eventos	0
Quantidade atual de membros	2
Quantidade inicial de membros	2
Categoria do Orkut	História e Ciências
Local	Brasil

Categoria	Professor(a)
Nome da comunidade	Professor Franklin Leal
Endereço	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=11389128">http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=11389128</a>
Data de criação	08/04/2006
Existe fórum?	Sim
Quantidade de tópicos no fórum	6
Data de última postagem no fórum	16/10/2009
Existe enquete?	Não
Quantidade de enquetes abertas	0
Quantidade de enquetes fechadas	0
Existem eventos?	Não
Quantidade de eventos	0
Quantidade atual de membros	175
Quantidade inicial de membros	176
Categoria do Orkut	Pessoas
Local	Brasil

Categoria	Profissão
Nome da comunidade	Arquivologia... arqui... o quê?
Endereço	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=30445809">http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=30445809</a>
Data de criação	09/04/2007
Existe fórum?	Sim
Quantidade de tópicos no fórum	7
Data de última postagem no fórum	04/09/2009
Existe enquete?	Não
Quantidade de enquetes abertas	0
Quantidade de enquetes fechadas	0
Existem eventos?	Não
Quantidade de eventos	0
Quantidade atual de membros	145
Quantidade inicial de membros	144
Categoria do Orkut	Alunos e Escolas
Local	Brasil

Categoria	Associação de profissionais
Nome da comunidade	Secretaria de Relações Internacionais
Endereço	<a href="http://sinarquivo.ning.com/group/secretariaderelaesinternacionais">http://sinarquivo.ning.com/group/secretariaderelaesinternacionais</a>
Data de criação	Não informada
Existe fórum?	Sim
Quantidade de tópicos no fórum	1
Data de última postagem no fórum	22/08/2009
Existe enquete?	Não
Quantidade de enquetes abertas	0
Quantidade de enquetes fechadas	0
Existem eventos?	Não
Quantidade de eventos	0
Quantidade atual de membros	145
Quantidade inicial de membros	36
Caixa de recados	8 comentários
Data do último comentário	14/09/2009

## APÊNDICE B – QUADRO PARA COLETA DE DADOS

	SIM	NÃO
Interação entre dois ou mais atores		
Troca de falantes		
Par conversacional		
Identidade temporal		
Interação centrada		